



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Influência do Jazz

Podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências

Autores: Henrique Gláuber

Marcella Bax

Orientadora: Nelia Del Bianco

Brasília (DF) Novembro de 2015

HENRIQUE GLÁUBER

MARCELLA BAX

INFLUÊNCIA DO JAZZ

Podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com habilitação em
Audiovisual e Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nélia Rodrigues Del Bianco

Orientadora

Profa. M.^a. Angélica Cordova Machado Miletto

Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Feijó Rocha Lima

Examinador

Profa. Dr. Selma Regina Nunes Oliveira

Suplente

Brasília, ____ de ____ de 2015.

*“O que não dá prazer não dá proveito. Em resumo, senhor, estude apenas o que lhe
agradar.”*
William Shakespeare

Agradecimentos

Agradecemos à UnB pelo período que compartilhamos conhecimento.

À orientadora Profa. Dra. Nélia Del Bianco, pelo acompanhamento.

Aos professores do curso de Comunicação Social da UnB.

A todos que direta ou indiretamente Contribuíram para a realização deste trabalho.

Sumário

Resumo.....	7
Palavras-chave.....	7
1.Introdução.....	8
2.Problema da Pesquisa.....	11
3.Justificativa.....	13
4.Objetivos.....	16
5.Referencial Teórico.....	17
5.1.A História Social do Jazz.....	17
5.1.1.Contexto Histórico.....	17
5.1.2.Estilos de Jazz.....	22
5.1.3.As mulheres do Jazz.....	25
6.Procedimentos metodológicos.....	27
6.1.A pesquisa teórica.....	27
6.2.O planejamento do programa.....	29
6.3.Os processos de criação dos episódios.....	32
6.4.Edição do Programa.....	33
6.5.Criação do blog.....	33
6.5.1.Página Inicial do Blog.....	34
6.5.2.Post Episódio 01.....	35
6.5.3.Soundcloud.....	35
6.6.Estratégias de divulgação.....	36

7.Considerações Finais.....	37
8.Referências.....	39
8.1.Referências Bibliográficas.....	39
8.2.Referências Eletrônicas.....	39
9.Anexos.....	42

Resumo

Este trabalho é um programa de Podcast e tem como tema de estudo a história do Jazz e os fatores que influenciaram o seu período de expansão e transformação. O objetivo é abordar esse conteúdo de forma mais clara e facilitar a compreensão dos ouvintes sobre esse assunto. Para isso, o grupo selecionou alguns dos temas mais relevantes para o contexto social do Jazz. Em cada episódio o locutor comenta os assuntos abordados com base teórica e exemplifica suas explicações com a ajuda de uma *playlist* previamente selecionada pelo grupo. Vários episódios contam, também, com a participação de convidados apreciadores desse gênero musical que contribuem com o programa.

Palavras-chave: Jazz; História Social; História Cultural; Música; Podcast.

1. Introdução

“Os negros norte-americanos criaram, com a linguagem jazzística, o mais apurado ramo da poesia popular inglesa desde as baladas escocesas: as canções de trabalho, a música gospel e o blues secular.”

Eric J. Hobsbawn

Muitas pessoas conhecem o Jazz como uma música de origem norte-americana que se expandiu mundialmente e conquistou um grande público, permanecendo viva até os dias atuais. O que muitos não sabem, no entanto, é que esse gênero foi influenciado pela música africana trazida pelos negros que serviram como escravos no contexto de colonização da América e que os caminhos seguidos pelos seus cantores nem sempre foram fáceis.

Neste contexto, um estudo mais aprofundado sobre esse tema evidencia pontos pouco conhecidos em relação ao Jazz e permitem um olhar mais crítico acerca de suas diferentes fases e dos fatores influenciadores que atravessaram sua história, contribuindo para diversas transformações.

Apesar da existência de uma quantidade elevada de pesquisas didáticas em relação a esse assunto, incluindo livros, revistas, documentários e estudos publicados na internet, faltam materiais mais criativos, divertidos e interativos que abordem tal tema. A ideia de criar uma série de Podcast surgiu dessa observação: Faltavam programas específicos para internet que pudessem aliar a abordagem da temática em profundidade por meio de uma conversa animada com convidados especializados no assunto. O recurso midiático do Podcast funciona assim como o rádio, porém permite que seu conteúdo possa ser ouvido sob demanda. Dessa forma, os ouvintes podem escolher o que querem escutar na hora que for mais conveniente para eles mesmos. Apesar de pouco conhecida no Brasil, essa modalidade de entrega de áudio está em processo de crescimento e já possui vários usuários ativos, principalmente nos Estados Unidos. Para se aliar a esse meio, o grupo criou um blog onde foram publicados os episódios do programa, facilitando o acesso ao público e proporcionando uma maior interatividade com ele através de espaços para comentários, dúvidas, sugestões e compartilhamentos nas redes sociais.

O nome do Podcast, “Influência do Jazz”, é uma homenagem à música de mesmo nome do compositor Carlos Lyra, onde ele aponta uma suposta morte do samba por influência do Jazz.

“Pobre samba meu

Foi se misturando se modernizando, e se perdeu

E o rebolado cadê?, não tem mais

Cadê o tal gingado que mexe com a gente

Coitado do meu samba mudou de repente

Influência do jazz

Quase que morreu...”

Carlos Lyra

Esse nome foi escolhido, também, para evidenciar ao público o estilo do programa criado para esse produto. Com o objetivo de resgatar na história os acontecimentos, os contextos sociais das diferentes épocas e as músicas mais relevantes para o Jazz, desde seu surgimento até o presente, os episódios exibiram as maiores influências que auxiliaram na evolução e transformação desse estilo musical. O grupo selecionou cinco temas principais para serem abordados em sete episódios.

O primeiro episódio aborda o tema “Jazz: Preconceito e Pobreza” e tem como objetivo mostrar as raízes que originaram o gênero e o caminho percorrido pelos seus primeiros cantores, os afro-americanos, até conquistarem a aceitação do público. Nessa jornada eles enfrentaram preconceitos, seja pela questão racial ou pela questão socioeconômica, tendo em vista que foram levados aos Estados Unidos para trabalhar como escravos, normalmente para os brancos ricos. Dessa forma, esses trabalhadores utilizavam as canções de origem africana para lembrar suas origens e, também, como fuga dessa realidade enquanto trabalhavam e em momentos de lazer.

O segundo tema escolhido foi o “Jazz e Blues”, onde o Blues é abordado como um gênero que não só influenciou, e continua influenciando, o Jazz, mas também o acompanha musicalmente. Esse tema foi escolhido pela semelhança que o Blues apresenta em relação ao

gênero jazzístico, desde sua origem, que também está relacionada à população negra, até a sua sonoridade que se assemelha e inspira o Jazz.

No terceiro episódio o tema discutido é o “Jazz e Mulher”. Esse episódio conta a jornada de uma difícil batalha pela emancipação da mulher, em especial das negras que eram maioria na história do Jazz. Ao longo dos anos, essas mulheres tentavam perseguir seus sonhos e buscavam uma maior valorização do talento que possuíam. Essas cantoras conseguiram quebrar paradigmas que existiam na época e, assim, conquistaram seu espaço na música.

O quarto tema, por sua vez, é prolongado por dois episódios, devido a uma grande quantidade de informações a serem discutidas. O episódio recebe o nome de “Jazz e Rupturas” e discute os diferentes estilos jazzísticos, como o Swing, o Bebop, o Cool Jazz, o Free Jazz, o Fusion e o Jazz Pós-Moderno. Cada um desses estilos se diferenciou dos outros por apresentar uma nova concepção ou uma nova forma de trabalhar o Jazz. Além disso é importante lembrar que diversos fatores externos influenciaram a expansão e transformação do gênero estudado, assim como as suas rupturas estilísticas e criação de novas formas musicais. Entre esses fatores estão as mudanças sociais das diferentes épocas, interesses comerciais e fugas artísticas dos músicos que haviam se cansado de fazer música para agradar somente ao público.

O último tema abordado é o “Jazz e Bossa Nova”, que foi escolhido, principalmente, pela aproximação de um estilo popular da música brasileira que se relaciona ao gênero estudado. Essa relação se faz presente ao se considerar a Bossa Nova como resultado de uma união de referências do Samba com o Jazz norte-americano. Dentre outras canções, o programa apresenta uma versão em inglês de um sucesso nacional composto por Tom Jobim e Vinícius de Moraes, “Garota de Ipanema”, que é interpretada por Stan Getz, Tom Jobim e Astrud Gilberto e intitulada como “The Girl From Ipanema”, evidenciando uma troca internacional de influências musicais, o que inclui o Brasil na história do Jazz mundial.

Além dos seis episódios citados, o grupo optou por fazer um programa a mais onde pudesse ser disponibilizado aos ouvintes uma seleção das cinco melhores músicas dos artistas influentes na história do Jazz. É importante salientar que essa seleção evidencia o gosto musical dos membros do grupo e exprime uma opinião pessoal dos criadores do programa. Dessa maneira, o episódio intitulado como “Músicos Influentes do Jazz (TOP 5)” finaliza o Podcast

2. Problema de Pesquisa:

Assim como qualquer outro programa que visa o entretenimento das pessoas, o Podcast criado nesse projeto experimental deveria ser elaborado com foco para um determinado grupo de ouvintes. A decisão de um público-alvo ao qual o programa deveria ser direcionado foi a primeira dificuldade do trabalho, pois essa escolha acarretaria na determinação das principais características do produto desenvolvido como os temas estudados, a forma como eles seriam abordados e a linguagem a ser utilizada, por exemplo. Sendo assim, o grupo optou por definir o perfil de seus ouvintes de maneira a incluir os especialistas de Jazz, assim como todas as pessoas que tenham afinidade com esse gênero. Pelo fato do Podcast ser denso em informações musicais, ele não poderia ser um programa de massa e, muito menos, feito para neófitos, pois essas pessoas não tem um conhecimento prévio do tema, o que poderia acarretar em uma não compreensão da mensagem transmitida.

Ainda considerando a definição do nosso público, seria necessário que o grupo realizasse um planejamento que analisasse as melhores estratégias para garantir o alcance do público desejado, de forma que eles pudessem ter acesso a todos os episódios. Para isso, a disposição do programa deveria ser pensada com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas a todos os episódios pertencentes ao produto criado.

Outra questão considerada foi o formato dos episódios, o que se apresentou como um desafio na hora de escolher a melhor opção para o projeto. Isso aconteceu pois, como o assunto apresenta um amplo contexto histórico, ao abordar os temas, seria necessário abranger algumas informações teóricas relevantes e imprescindíveis ao entendimento desses aspectos. O grupo precisava, portanto, encontrar uma forma de unir uma abordagem sobre as origens do Jazz e uma seleção de músicas de maneira interativa e dinâmica a fim de evitar que os ouvintes se entediassem ao longo dos episódios.

A criação do blog como um recurso auxiliar para a divulgação do programa com espaço para uma interação com os ouvintes também se apresentou como um desafio. Nenhum membro do grupo teve um contato com as ferramentas dessa página da internet antes da realização do projeto experimental. Por esse motivo, muitas dúvidas surgiram no seu desenvolvimento, tornando necessário um amplo estudo sobre as funções oferecidas por esse meio.

Após considerados esses aspectos e ao iniciar as gravações dos episódios, foi possível identificar mais um problema. Apesar da existência de um calendário de produção do programa, as datas pré-estabelecidas para a gravação e edição de cada episódio foram constantemente modificadas, tendo em vista que a maioria dos episódios contavam com a contribuição de convidados. Muitas vezes as datas agendadas com esses contribuintes tiveram que ser alteradas em função de imprevistos no cotidiano deles, mesmo quando o locutor, membro do grupo do projeto, já havia se preparado para as gravações.

Por fim, o processo de edição do material apresentou um nível de dificuldade maior do que o esperado, principalmente nas conversas com convidados que tinham muito a dizer e acabaram excedendo o tempo limite de duração do programa. Essa ocorrência criou a necessidade de muitos cortes nas falas dos participantes, buscando garantir a completa abordagem do tema de forma clara, sucinta e relevante.

3. Justificativa

“A maior dádiva para o estudante é o saber adquirido, nenhum outro dom faria valer a pena tanto esforço e dedicação.”

Jéni Quintal

O que estimulou esse trabalho foi a vontade de saber. Sair da zona de conforto e buscar adquirir sempre novos conhecimentos é um ótimo exercício para a mente, nos proporciona um outro olhar sobre o mundo e gera uma maior compreensão da vida. Quando isso pode se aliar aos assuntos que amamos, ficamos mais inspirados ainda. Assim, o trabalho é fruto da união do amor pela história e pelo Jazz com o desafio de criar um produto atraente. O resultado dessa experimentação vai muito além do programa criado, pois nesse processo os membros do grupo adquiriram uma carga valiosa de conhecimento e experiência sobre processos de produção radiofônica.

A escolha da temática veio, portanto, por se tratar da história de um dos maiores gêneros musicais do mundo. Seu estudo busca evidenciar a importância do Jazz e todos os outros ritmos e acontecimentos que influenciaram não só sua própria história como também o contexto social onde ele se desenvolveu.

Para se diferenciar dos estudos já existentes sobre esse gênero, os membros do grupo decidiram criar uma nova proposta para abordar a sua história. Dessa forma, o formato de um programa de Podcast, onde pudessem ser gravados diferentes temas para compor um programa que apresentaria alguns episódios, foi considerado como a melhor opção como um projeto experimental.

O Podcast é uma mídia virtual que vem conquistando seu espaço no mundo digital graças a sua facilidade de criação e distribuição. Embora ainda seja um meio relativamente novo no universo das Comunicações e, ainda, pouco conhecido no Brasil quando comparado aos Estados Unidos, seu país de origem, ele vem ganhando seu espaço graças aos seus entusiastas.

O podcast cada vez mais ganha espaço na internet brasileira, principalmente graças a projetos colaborativos de seus produtores de conteúdo, conhecidos como podcasters. Uma das principais características do podcast brasileiro é o fato de que a maior parte dos programas são criados e mantidos a partir de iniciativas individuais de pessoas muitas vezes não relacionadas com a área de Comunicação. Isso faz com que a comunidade de podcasters (a chamada “podosfera”) esteja repleta de entusiastas, que, a partir de projetos de cunho pessoal, ajudam a estimular a produção de novos podcasts associados a um apoio mútuo com o objetivo de fazer com a mídia cresça como um todo. (LUIZ, 2011, p. 1)

Cláudia M. A. A. Saar fala sobre a origem desse meio:

A palavra que denomina o ‘podcast’ partiu da junção do iPod – MP3 da Apple – e da palavra broadcast – que é a transmissão radiofônica ou televisiva. A cada momento esse instrumento é aprimorado, mas seu início retoma ao VJ da MTV, Adam Curry, que teria criado o podcast usando uma linguagem de computador que funcionava sobre o sistema operacional da Apple, conhecido como applescript. (SAAR, 2013, p. 6)

Esse recurso midiático apresenta um formato de distribuição direto e atemporal, oferecendo uma rede que integra o arquivo de áudio ou vídeo, suas imagens, um blog e outras mídias sociais para sua distribuição, os seus criadores, seu público e sua dinâmica.

Para utilizar os serviços oferecidos por esse meio, o usuário deve fazer assinatura do canal de Podcast de interesse, assim o conteúdo é baixado automaticamente no computador do internauta, utilizando o provedor via RSS.

Esses arquivos de áudio são denominados ‘podcast’, programas sonoros que podem ser buscados na internet ou assinados via RSS para serem recebidos através do uso de um software agregador e que normalmente são vinculados a um blog, espaço onde se tem acesso a conteúdos em diversas linguagens e onde pode ocorrer a interação entre os participantes do processo. (PRIMO, 2005 apud CARVALHO, 2012, p.2)

É possível afirmar, também, que o Podcast é a junção da rádio tradicional com as possibilidades criadas pela internet. No entanto esse novo recurso se difere do anterior por não precisar se sujeitar às normas e regulações de uma rádio comum, não ser necessário fazer sintonia de estação e não depender de índices de audiência e de seus patrocinadores da indústria fonográfica. Dessa maneira é possível planejar o repertório que o criador preferir, formando um público específico que compartilha o interesse pela temática criada, mesmo sem um apoio comercial.

Contudo, na 'era' da internet, o velho rádio está se transformando em uma ferramenta informacional muito útil, sendo transformado em outros recursos com a utilização do áudio. Assim, o podcast é um desdobramento da ferramenta internet com o rádio, portanto o que possuem em comum é o som. Ainda assim o podcast é mais bem desenvolvido que seu precursor tradicional, pois, além de som, pode transmitir imagens e textos. (SAAR, 2013, p. 5)

No contexto de um mundo globalizado, fica evidente a importância dessa ferramenta que possibilita armazenamento e compartilhamento de diversos conteúdos de forma livre. Assim, é importante explorar as funções que essa mídia oferece, criando novos conteúdos e divulgando para que outras pessoas possam usufruir desse recurso. Atualmente, uma das principais fontes de divulgação de Podcasts é através das redes sociais.

Tendo em vista todas as suas vantagens e, principalmente, as facilidades em relação à sua veiculação, a escolha do formato do programa e sua distribuição através de um Podcast contribui para os estudos da Comunicação Social e seus meios de transmissão de mensagens aos receptores, que estão em constante evolução e modernização. Além disso, o próprio tema de trabalho contribui para uma disseminação cultural, tendo o Jazz como um gênero de extrema importância na música internacional que se relaciona, dentre outros países, com o Brasil e as músicas brasileiras, a exemplo da Bossa Nova.

A ideia da criação de um programa musical completo, com informações históricas que contextualizam as melhores músicas do Jazz transmitidas aos ouvintes, era um sonho que parecia distante. Esse projeto foi, portanto, a realização dessa aspiração por algo que queríamos muito que existisse e, por não existir, nós o criamos.

4. Objetivo

“A cultura histórica tem o objetivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesma.”

Benedetto Croce

Produzir um programa de Podcast, com sete episódios, abordando a história social e cultural do Jazz de forma objetiva, clara e criativa.

O objetivo desse trabalho foi buscar a compreensão dos ouvintes sobre a forma como vários fatores que não estão diretamente ligados ao gênero se relacionaram com o Jazz, interferindo, acrescentando e influenciando, de diferentes maneiras, a sua história. Dessa forma, foram identificadas características comuns dentre os diversos estilos jazzísticos desde o passado até os dias atuais.

Assim, os resultados dessas influências e o impacto causado por elas na história do Jazz foram estudados e esse conhecimento foi transmitido aos ouvintes do programa “Influência do Jazz”, de forma mais clara e fiel à realidade. Para evitar que a difusão de informações ao público fosse monótona, foi necessária a união de informações interessantes com um meio de transmissão que buscasse o entretenimento e o envolvimento com os ouvintes.

A finalidade de criar um produto de qualidade torna necessária uma experimentação que sirva como um teste do que foi aprendido no âmbito das Comunicações Sociais. Esse trabalho experimental permitiu um maior contato com o universo do audiovisual e da publicidade e propaganda, buscando desenvolver toda a estrutura necessária para a criação de um produto final que garantisse maior qualidade de conteúdo interessante e envolvente ao nosso público.

5. Referencial Teórico

5.1. A história social do Jazz

“O que nós tocamos é a vida.”

Louis Armstrong

5.1.1. Contexto histórico:

A inspiração para a criação do conteúdo do Podcast foi a obra *A História Social do Jazz*, do historiador Eric J. Hobsbawn. A partir desse material foram tiradas as temáticas do programa.

Em seu livro, o autor divide a história do gênero em quatro partes, sendo elas a pré-história, a evolução, a expansão e sua transformação.

A pré-história é considerada por Hobsbawn (1990, p. 59) como o “período no qual os vários componentes sociais e musicais do futuro jazz surgiram e se fundiram”.

Esses componentes se originaram dos escravos africanos que foram levados para outros continentes, quando a música negra passou a se fundir com elementos brancos resultando, posteriormente, no Jazz.

O surgimento desse estilo musical se deu na interseção de três tradições culturais europeias: a espanhola, a francesa e a anglo-saxã.

A influência afro-espanhola deu ao gênero o que Hobsbawm (1990, p. 61) se refere como uma “nuança espanhola” com a mistura de certos tipos de ritmos, como o *tango* da região do Rio da Prata ou a *habanera*, estilo musical criado em Havana, Cuba. Já a influência francesa é considerada mais importante para o Jazz por ter sido assimilada por uma classe especial de escravos libertos que crescia em New Orleans. Essa classe era conhecida como *gens de couleur* ou *créoles*, geralmente constituída pelas ex-amantes de colonizadores franceses e seus descendentes. Esse grupo perdeu sua posição privilegiada em 1880, com o aumento da segregação de classes sociais, levando a música aos outros escravos.

A instrumentação do jazz de New Orleans da primeira fase, é essencialmente igual à das bandas militares, a técnica instrumental, especialmente notada na especialidade francesa, os instrumentos de sopro, o repertório de marchas, quadrilhas, valsas e coisas do gênero são indubitavelmente franceses. (HOBSBAWM, 1990, p. 62).

A língua inglesa, a religião e as músicas folclóricas e religiosas dos colonizadores anglo-saxões constituíram a base do Jazz, segundo Eric J. Hobsbawm:

Os negros norte-americanos criaram, com a linguagem jazzística, o mais apurado ramo da poesia popular inglesa desde as baladas escocesas: as canções de trabalho, a música gospel e o blues secular. (HOBSBAWM, 1990, p. 63).

Ao final do século XIX foi possível perceber algumas tendências igualitárias nos EUA permitindo à música negra o direito a um desenvolvimento independente, não se inundando por padrões culturais das classes superiores e mantendo, assim, suas raízes na música folclórica negra.

A evolução dessa música folclórica está relacionada com o blues, considerado coração do Jazz:

O ponto importante a respeito do blues é que ele marca uma evolução não apenas musical, mas também social: o aparecimento de uma forma particular de canção individual, comentando a vida cotidiana. (HOBSBAWM, 1990, p. 66.).

Além disso, houve uma segunda fase da fusão da música africana com a europeia, quando os negros passaram a entreter os brancos como profissão, para sair das piores formas de escravidão, e aprenderam a música dos brancos sendo que, ao tocá-las, introduziam suas

próprias tradições. Em 1890 essa fusão alcançou seu clímax com o surgimento do *Ragtime*, considerado o primeiro estilo identificável do Jazz. O *Ragtime* era quase exclusivamente um estilo de pianistas solistas com a tradição negra dominante, pois era considerado um ritmo sincopado, quando havia uma perda intencional do ritmo procedida de sua recuperação imediata, o que proporcionava uma sensação de gingado ao seu ritmo.

Pode-se dizer que o gênero jazzístico surgiu da vontade dos trabalhadores pobres de se profissionalizarem como cantores das músicas que eles utilizavam como forma de entretenimento durante o período de trabalho para os brancos ricos. Eles foram para as grandes cidades, como New Orleans, que é considerada o berço desse ritmo, pois foi lá que suas bandas surgiram como um fenômeno de massa. A quebra da antiga cultura escrava tradicional e a decadência dos *créoles* são dois fatores que ajudaram o Jazz a se tornar o gênero que é conhecido hoje. Com o enfraquecimento da música desses trabalhadores africanos, o caminho ficou livre para uma fusão mais desinibida entre linguagens europeias e africanas.

A expansão do Jazz pode ser dividida, também, em quatro fases. A primeira foi entre os anos 1900 e 1917, o chamado período Pré-histórico do gênero, quando se tornou uma linguagem da música popular negra em toda a América do Norte. A segunda fase ocorre entre 1917 e 1929, ou a fase denominada Antiga, quando houve uma rápida evolução do gênero, apesar do Jazz não se expandir muito. Entre 1929 e 1941, ou o Período Médio, esse estilo musical começou a conquistar públicos minoritários europeus e o *Swing*, forma diluída dessa música, entrou para a música pop de maneira permanente. A partir do ano de 1941, a chamada fase Moderna, houve um triunfo internacional e a penetração de linguagens ainda mais puras de Jazz na música pop.

Em 1910 os donos de gravadoras perceberam que o sucesso das músicas não seria tão estrondoso se não fossem dançáveis. Graças a facilidade em adaptar praticamente qualquer música de Jazz e *Ragtime* para a dança, esses ritmos possuíam, naturalmente, um valor inestimável.

O modismo da dança também era uma busca por ritmos e sons de dança novos e menos convencionais, substituindo as danças do final do séc. XIX – principalmente a valsa – por sons africanos, norte e sul americanos, ritmicamente mais emocionantes. (HOBSBAWM, 1990, p. 84).

Aproximadamente nessa época, por volta de 1914 e 1916, o termo “Jazz” começou a ser utilizado como um título universal para essa nova música de dança, já que poucos sabiam que essa era, até então, uma gíria africana para relação sexual.

Com o aumento da população negra em Nova York, Chicago, Filadélfia e Detroit, entre os anos de 1910 a 1930, por consequência das migrações dos estados do sul, em um contexto posterior à Guerra Civil Americana, as músicas de jazzísticas sofreram uma difusão geográfica se espalhando com esses migrantes.

Os músicos de New Orleans também começaram a viajar pelo interior do país, e por outras partes, chegando até mesmo à Europa. Além dos músicos de New Orleans, que não foram a única influência do gênero, os pianistas de *Ragtime* e os cantores de *blues* itinerantes também já haviam aparecido.

Em 1929 o gênero sofreu com o efeito catastrófico da Grande Depressão, principalmente com a queda da arrecadação de sua música. Para a indústria de discos a queda foi um desastre inacreditável pois entre 1927 e 1934 as vendas caíram em 94%. Não se pode dizer, porém, que o jazz morreu na América do Norte nesse período. Quando a crise de 29 atingiu os Estados Unidos muitos fãs europeus, felizmente, já estavam prontos para receber esse estilo musical e esse pequeno mercado europeu pôde assegurar a gravação de discos de algumas formas de Jazz. A Europa também forneceu trabalhos temporários para músicos norte-americanos.

Em meados da década de 1930, o Jazz autêntico, que quase havia sido exilado dos EUA por causa da Depressão, reconquistou o país de maneira triunfante. No período que se seguiu a partir daí até 1941 foi possível observar os intelectuais se popularizando, coletando, gravando e cantando a sua música com satisfação. Assim, esse estilo musical virou notícia e a nostalgia pelos bons velhos tempos, quando só os entendidos o ouviam e apreciavam, se tornou irresistível. Com isso, os colecionadores e os críticos começaram a organizar gravações de artistas de blues e de Jazz esquecidos.

Enquanto essa expansão acontecia, o gênero tinha feito uma conquista ainda mais importante: a própria África. De 1940 em diante houve uma rápida urbanização da África negra, o que fez surgir a necessidade de uma música popular urbana que a indústria pop ortodoxa demorou a prover. Na África do Sul, por exemplo, esse ritmo foi tão bem aceito que ela se tornou, até hoje, um dos mais prósperos centros de Jazz criativo fora da América.

Nos períodos Pré-histórico e Antigo do Jazz, a música era feita por pequenos conjuntos de improvisação com arranjos rudimentares de cantores de blues e pianistas. A julgar pelo lado social dessa época, é possível dizer que se tratava de uma música de habitantes do sul ou da primeira geração de migrantes negros que iam para o norte, que também era adotada ou ouvida por uma minoria de brancos. O Jazz do Período Médio, por sua vez, era uma música para negros aclimatados à vida das grandes cidades e para uma massa de público composta por jovens americanos brancos. A evolução desse estilo até o Período Médio era produto de música de entretenimento, já o Jazz Moderno era, além disso, um manifesto contra o capitalismo ou a favor da igualdade para os negros.

Em relação à característica musical, o Jazz do Período Moderno voltou a recorrer à improvisação e aos pequenos conjuntos, seja no chamado movimento *revival*, que remetia ao estilo antigo, ou ao *bop*, que foi um passo a diante. Dessa forma ele se tornou uma música de vanguarda para os artistas e uma *coterie*, ou círculo social, de intelectuais e boêmios brancos, embora esse público tenha aumentado à medida que esses sons revolucionários se tornaram cada vez mais conhecidos e aceitos.

Além disso, duas mudanças cruciais para o Jazz ocorreram durante sua transformação: seu público e a incrustação da música pop no gênero. A sua plateia inicial era composta pelos habitantes do sul e pelos primeiros migrantes negros que foram para o norte dos EUA, além de uma parcela de jovens brancos americanos. Esses ouvintes foram aumentando com o tempo até atingir pessoas de outras cidades que não tiveram contato com o Jazz no período anterior à década de 1930. Por esse motivo, os novos fãs desse estilo musical não reconheciam as alusões e referências que essa música trazia de suas origens e, por isso, algumas de suas raízes se perderam no processo de adaptação aos amantes do gênero. Foi necessária, então, uma adaptação musical ao novo público, que buscava novas formas de entretenimento. Aliado a isso, o músico desejava ganhar mais dinheiro e a indústria exigia padrões mais comerciais, o que culminou na infiltração da música com elementos pop.

Essas transformações, no entanto, não agradavam a todos. Os jazzistas, por exemplo, se entediavam com essa música comercial e, devido a esse fato, após os horários normais dos shows, que garantiam seu sustento, tocavam para agradecer a si mesmos, o que ficou conhecido como *Jam Sessions*. A ideia desse evento musical era fazer uma contribuição para a experimentação, pois esses encontros reuniam os experts que buscavam sempre melhorar a qualidade técnica do Jazz tocado por eles.

Nas tardes de domingo, no início dos anos de 1940, alguns caras se juntavam em minha casa... nós fazíamos uma sessão de discos. (...) E tocávamos coisas nossas... Depois, no domingo à noite, íamos a Lewisohn Stadium, onde estava acontecendo a sessão da sinfônica. ‘Vamos à missa’, dizíamos.

Mais tarde da noite íamos ao Savoy para ouvir Chick Webb. Era uma banda que tinha muito *swing*. Depois do Savoy, íamos ao Puss Johnson, um clube *after hours* na esquina da rua 130 e St. Nicholas, acho. Todo mundo aparecia lá. Todos os caras de todas as bandas da cidade. Eu me lembro de uma sessão em particular. Bem Webster e Pres (Lester Young) estavam lá, e todo mundo sabia...

A respeito dessa sessão com Bem e Lester, nunca se chegou a uma decisão. A casa estava dividida. A maioria do público era de músicos. Havia poucos não-músicos, exceto alguns grandes fãs de jazz. Naquelas ocasiões havia muito frango frito e uísque.

Esse lugar em particular era especial para os domingos à noite, a noite de folga dos músicos em Nova York naqueles tempos. Começava por volta das três da madrugada e ia até às 9 ou dez da manhã. Sempre estava dia claro quando nós saíamos. Era de cegar. (HOBBSAWM, 1990, p 113 e 114.).

Quando os fãs do Jazz começaram a se tornar mais exigentes, na segunda metade dos anos 1930, a música deixou de ser comercial e passou a ser feita por si mesma, de acordo com o gosto dos próprios artistas desse gênero, fato de extrema importância para sua evolução.

5.1.2. Estilos de Jazz:

Durante a história desse gênero musical, com sua evolução e as transformações que ocorreram em todo o processo pelo qual passou, alguns estilos diferentes foram surgindo em sua música.

O *Ragtime* teve grande importância para o Jazz e ficou conhecido como o primeiro estilo musical desse gênero. Caracterizado pelo acompanhamento do banjo desde seu início, esse ritmo se assemelhava a uma marcha sincopada, mantendo os dezesseis compassos tradicionais da marcha. Com sua evolução, o piano foi introduzido resultando em uma música bem estruturada e agradável aos seus ouvintes.

Já em um contexto de expansão jazzística, a cidade de New Orleans se mostrou como um dos principais polos que contribuíram para a disseminação e evolução do chamado *Jazz de New Orleans*. Por se tratar de um local onde coabitavam pessoas de diferentes nacionalidades e etnias, pode se dizer que havia uma maior aceitação para diferentes culturas e sons, o que se tornava perceptível pela presença de diversos ritmos nas ruas da cidade. Essa localidade

assumiu um importante papel na disseminação do Jazz, principalmente no final do século XIX e início do século XX, por apresentar uma atmosfera social aberta e livre, o que abriu um bom espaço para os eventos jazzísticos e contribuiu para uma certa liberdade de expressão que possibilitava aos afro-americanos exercitarem suas práticas artísticas. Além disso, esse ambiente permitiu o contato dos brancos com esse som, fazendo com que sua prática não fosse privilégio apenas dos negros.

Nesse contexto, o Jazz branco, apesar de menos expressivo que o dos negros, ganhou notoriedade com o início da *Dixieland*, estilo tecnicamente mais bem acabado, com suas melodias menos rebuscadas e harmonias mais limpas. Essa ruptura teve uma grande influência para difundir o nome “Jazz” como a expressão de uma forma musical iniciada no sul dos EUA, graças à primeira gravação de disco desse gênero, em 1917, pela Original Dixieland Jazz Band.

Ao longo dos anos esse ritmo foi se expandindo e alcançando novos lugares. Se New Orleans auxiliou na criação do Jazz, Chicago foi sua incubadora. A cidade recebeu artistas que migraram para lá buscando desenvolver suas músicas, a exemplo do *Swing*, que surgiu como uma forma de organização dos arranjos musicais quando as bandas de dança dos anos 20 se tornaram populares e passaram a utilizar mais instrumentos de sopro e exigiram, assim, uma maior coerência para seu propósito. Esse novo estilo fez com que Chicago sucumbisse a uma tendência que favorecia mais às *big bands* itinerantes do que os conjuntos locais, porém os *dixielanders* mantiveram vivo o Jazz tradicional.

O *Swing*, por sua vez, parecia uma forma jazzística mais lucrativa por agradar ao público, porém muitos músicos estavam cansados dos clichês e solos previsíveis desse estilo e, como uma fuga dos padrões comerciais, passaram a se reunir nas *Jam Sessions* tocando e experimentando acordes mais avançados que desafiavam os próprios artistas. O *Bebop* ficou conhecido, nesse contexto, como a ruptura da música mais dançante para uma forma de arte. Ele ficou conhecido como um ritmo radical pois seus músicos foram elevando o nível e acabaram estabelecendo padrões onde os melhores artistas se tornaram insuperáveis em seus domínios. Dessa forma, os jovens músicos se viram em um dilema pois não sabiam como alguém poderia tocar os instrumentos no nível em que tocavam os músicos do *Bebop*. Ao mesmo tempo, as plateias, acostumadas com os ritmos dançantes, estavam insatisfeitas com essa forma de Jazz. A saída para esses problemas foi crescer e desenvolver uma maior variedade de opções musicais. Com isso, o estilo conhecido como *Cool Jazz* veio criar seus

próprios estilos de execução com a personalidade mais tranquila dos instrumentos e uma marcação rítmica bem calma.

Quando o *Cool Jazz* emergiu, algumas qualidades do *Swing*, como seus arranjos e até a ênfase no timbre, foram deixadas de lado. Buscando uma maior aproximação com o campo emocional, no entanto, alguns jovens músicos procuraram incluir no Jazz alguns elementos da música *gospel* e *spiritual*. Foi assim que o *Hard Bop* foi se desenvolvendo e ganhando força na linha mais moderna do *mainstream* do Jazz. Esse estilo foi, muitas vezes, apelidado de “*funk*” por ser um ritmo mais carregado de soul em seus solos.

Por volta dos anos 60, muitos artistas já estavam cansados de seguir uma estrutura pré-estabelecida para o Jazz. Eles decidiram, portanto, quebrar certas regras escritas na forma jazzística que limitavam a criatividade dos novos músicos. Criando algumas improvisações que fugiam aos padrões tradicionais do gênero, vários artistas passaram a aderir ao que ficou conhecido como *Free Jazz*.

É importante ressaltar, nesse contexto, que o surgimento de um estilo não acarretava na extinção de outro. Dessa forma, os diferentes estilos jazzísticos continuaram coexistindo, influenciando e sendo influenciado por diversos fatores. Nesse contexto, nos anos 70 foi possível perceber o surgimento do *Fusion*, ritmo originado em função de uma disputa entre os *hard boppers* e os rebeldes artistas do *Free Jazz* que deixou muitos músicos alienados e/ou cansados dessas formas musicais. Conseqüentemente esses músicos passaram a dar uma maior atenção aos outros gêneros musicais, principalmente para o *rock*, que se apresentava como uma forma de arte bastante imaginativa. O *Fusion*, então, ficou conhecido por muitos como *jazz-rock* por se apresentar como uma mistura da tradição jazzística com os elementos do rock. Entretanto, essas novas tendências não agradaram a todos e muitos artistas não queriam amplificar seu som, o que fez com que o *Fusion* ficasse desinteressante para várias pessoas. Ao mesmo tempo, muitos acreditavam que o Jazz tinha chegado ao seu limite criativo, mas na verdade esse gênero tinha chegado à sua fase mais eclética e livre. Para os novos músicos não existia mais a distinção do novo e velho Jazz e eles recorriam à praticamente todos os estilos jazzísticos que existiram. Apesar de não possuir mais um grande espaço na música popular americana, o Jazz continua vivo e em plena atividade, com várias gravações de Cd's, além de vários novos artistas.

De acordo com essa análise histórica, é possível afirmar que o Jazz teve inúmeras influências, desde os diferentes gêneros musicais, como o *Blues* e o *Rock* por exemplo, os

interesses econômicos que privilegiavam as gravações que agradavam ao público, a busca por desafios musicais pelos próprios artistas do Jazz e até a questão racial, quando buscaram “branquear” os sons, buscando agradar aos brancos como no caso dos *dixielanders*. As rupturas que aconteceram ao longo da história desse gênero também tiveram diversas origens, como os diferentes gostos musicais dos artistas ou a tentativa de inovação buscando a criatividade na inserção de novos instrumentos ou buscando a aprovação do público para fins comerciais.

O principal aspecto a ser considerado nesse trabalho, por fim, é o fato da história não ser unidimensional. Para compreender as transformações ocorridas ao longo dos anos no Jazz, deve ser considerado o fato das rupturas com os antigos padrões não acarretarem o desaparecimento dos novos estilos, pois a coexistência dos vários formatos jazzísticos foi de fundamental importância para a transformação do gênero musical como um todo.

5.1.3. As mulheres do Jazz:

“O difícil eu posso fazer hoje. O impossível vai demorar um pouco mais.”
Billie Holiday

A trajetória das artistas jazzistas ao longo da história se caracterizou por uma difícil batalha pela emancipação da mulher, principalmente das negras que eram maioria na história do Jazz. Ao longo dos anos, essas mulheres tentavam perseguir o sonho de se tornarem cantoras e buscavam ser valorizadas pelo talento que tinham e não pela beleza física delas.

Abordando o período histórico desde o início do século XX até os dias atuais, é possível perceber como as primeiras mulheres conseguiram quebrar o paradigma de que o lugar de mulher tocar música era apenas na Igreja, passando pela ascensão delas na música até chegar nas famosas “Divas do Jazz” do século XX¹. Dentre as cantoras e músicas que fizeram história no contexto do Jazz mundial, estão alguns destaques desse ritmo, como Bessie Smith, Billie Holiday, Ella Fitzgerald e Nina Simone. Essas cantoras são apresentadas do nosso episódio sobre as mulheres do Jazz.

Bessie Smith nasceu no dia 15 de abril de 1894 na região de Chatanooga, Tennessee. Ainda criança, ela ficou órfã, com a morte de seu pai e mãe, e seu irmão mais velho a convenceu a continuar no canto e na dança, o que a motivou a seguir em frente para vencer a

pobreza que acompanhou seus primeiros anos de vida e perseguir seus sonhos. Bessie alcançou o sucesso com a gravação de seu primeiro álbum “Downhearted Blues” em 1923 e, desde então, se tornou uma das mais famosas cantoras e referências, tanto para o Blues quanto para o Jazz.

Eleanora Fagan Tosse, nome original de Billie Holiday, nasceu no dia 07 de abril de 1915 em Baltimore. Teve uma infância difícil por ter sido abandonada pelo pai após seu nascimento. Além disso, foi vítima de estupro aos 10 anos e depois foi abandonada pela mãe, indo viver com parentes distantes. Após esse período, Eleanora começou a fazer pequenos serviços para garantir seu sustento, inclusive esfregar o chão de um bordel, onde ouviu jazz pela primeira vez na voz de Louis Armstrong e Bessie Smith. Com 12 anos então, ela se mudou para Nova York, onde convenceu um dono de boate a deixá-la cantar em uma noite, quando se intitulou de Billie Holiday, em homenagem ao astro de cinema Billie Dove. Ela foi descoberta por John Hammond, que a apresentou a Benny Goodman, ajudando-a em sua primeira sessão de gravação em 1933 e, assim, durante os anos que se sucederam, Billie gravou mais de 200 músicas de Jazz e Swing e se consagrou como uma das maiores cantoras de jazz dos EUA.

Ella Fitzgerald nasceu no dia 25 de abril de 1917 em Newport News, Virginia. Assim como muitas outras cantoras, Ella veio de uma família pobre e viveu como uma sem-teto durante algum tempo. Ao participar e ganhar uma competição amadora no Apollo Theater ela decidiu se lançar na carreira profissional em 1934. Fitzgerald foi, então, contratada pelo baterista e líder de banda Chick Webb, se tornando, assim, a parte mais importante da orquestra de Webb. Com a morte de seu líder, Ella assumiu liderança da banda durante os próximos dois anos até que, em 1941, ela começou uma carreira de solo, ao mesmo tempo em que se tornava uma das vocalistas mais populares dos anos quarenta, graças a uma série de standards lançados pela gravadora Decca. Ella Fitzgerald ganhou 14 prêmios Grammy e recebeu a Medalha Nacional das Artes do presidente americano Ronald Reagan totalizando, assim, a maior condecoração individual conferida a um artista em nome do povo norte-americano.

Eunice Kathleen Waymon, nome verdadeiro de Nina Simone, nasceu no dia 21 de fevereiro de 1933 em Tyron, Carolina do Norte. Apesar de sua paixão pela música, Eunice não tinha a aprovação dos pais para perseguir seu sonho e, assim, aos 20 anos ela adotou seu nome artístico, em homenagem a atriz Simone Signoret, para poder cantar escondida deles

enquanto se dedicava para tornar-se pianista clássica. A fim de conseguir pagar seus estudos, Nina começou a tocar em clubes noturnos pelo Harlem, em Nova York. Apesar do sonho de ser uma grande pianista e concertista, ela encontrou o sentido na sua profissão de cantora quando se transformou também em uma ativista se posicionando contra o crescente racismo que atingia os EUA e se envolvendo na defesa do Movimento dos Direitos Civis dos Negros nos Estados Unidos. O envolvimento com essas questões proporcionou à cantora a oportunidade de cantar no enterro de Martin Luther King, um dos mais importantes líderes desse movimento. Dessa maneira, Nina Simone se consagrou não só como uma das mais importantes cantoras de Jazz da história mas também como uma figura importantíssima na diminuição da segregação racial nos Estados Unidos.

6. Procedimentos metodológicos

A união dos estudos do Audiovisual com a Publicidade e Propaganda contribuiu para que o grupo pudesse desenvolver um material criativo e de qualidade técnica para o programa com um direcionamento objetivo para as finalidades pretendidas.

Para a realização desse produto, então, os alunos tiveram que se organizar e dividir o processo de criação do programa em algumas fases:

6.1. A pesquisa teórica:

A ideia de abordar a história do Jazz como tema desse projeto experimental foi motivada pelo fato dos membros do grupo apresentarem um grande interesse pela música. Para isso foi necessário entender as raízes do Jazz.

Levando isso em consideração, o grupo reuniu, em um primeiro momento, vários materiais de pesquisa, incluindo livros, sites, vídeos tutoriais para criação das ferramentas que auxiliaram o projeto, documentários e programas de Podcasts relacionados ao tema. Nesse período os alunos estudaram a história do jazz visando encontrar informações relacionadas aos processos que desencadearam mudanças e contribuições, causando as rupturas, mudando os caminhos e acrescentando características a esse estilo musical. Além da investigação relacionada aos aspectos do Jazz, o grupo teve que pesquisar informações para auxiliar a criação do programa de Podcast e do Blog, incluindo todos os atalhos e links que

seriam inseridos para disponibilizar uma área vinculada aos episódios que foram postados nele. Para cada pesquisa feita, o grupo se atentou para listar as fontes bibliográficas que seriam inseridas ao final dessa memória do projeto.

Essa fase também contou com uma pesquisa de alguns programas de Podcast que nos inspiraram para a criação do nosso. Alguns programas, no entanto, apresentaram certos problemas que acabaram se tornando aprendizados para o que deveria ser evitado no nosso Podcast. Foram analisados, portanto, os seguintes programas:

- *The Jazz Sessions with Jason Crane*: O Podcast é conduzido por Jason Crane, um renomado músico contemporâneo de Jazz. Com duração de aproximadamente uma hora, o programa apresenta um foco maior em entrevistas profundas com músicos, compositores e produtores de Jazz contemporâneo. Crane, com muito bom humor e conhecimento acerca do gênero, cria um Podcast que prende a atenção dos seus ouvintes devido a dois fatores: A excelente oratória de Jason e a dinâmica do programa. Seu público é constituído somente por músicos, pois o conteúdo apresenta muitas conotações técnicas. Alguns episódios acabam se tornando entediantes, não por culpa do seu criador, mas pelo fato dos entrevistados não apresentarem uma boa desenvoltura em suas falas. Um aspecto interessante desse Podcast é a ideia de inserir alguns trechos das músicas dos próprios entrevistados durante o programa, pois é uma forma de divulgar o trabalho desses artistas.

- *The Liturgists Podcast*: Esse Podcast, de uma hora de duração, é conduzido por Mike McHargue e Michael Gungor. O primeiro é cientista e o segundo é músico e compositor. Juntos, e frequentemente com outros convidados, eles conduzem o *The Liturgists*. O objetivo desse programa é criar um ponto de intersecção entre fé, ciência e arte. Gungor e McHargue, ou "Science Mike" como é chamado, discutem teorias científicas, álbuns de música, e diversos outros assuntos através dessa perspectiva. Os dois são amigos de longa data e, por isso, a intimidade gera uma maior fluidez para o programa. O Podcast é extremamente livre. As piadas e os erros criam a sensação de que você está sentado ao lado dos apresentadores e já os conhece há muito tempo. Às vezes os assuntos são muito específicos, mas a conversa é tão envolvente que prende o ouvinte até o final.

- *The Jazz Stories*: Com duração de, no máximo, 15 minutos, esse Podcast conta histórias e anedotas curtas sobre o Jazz. Com um estilo um pouco mais formal, o programa é apresentado por diversos locutores que se tornam os narradores das histórias. Geralmente, trechos de entrevistas com músicos renomados do Jazz são inseridos no decorrer do programa. O seu formato é mais próximo ao jornalístico, diferenciando-se de um bate-papo entre locutores. Apesar das anedotas e histórias serem muito boas, o formato é apático e exaustivo. Com poucos programas os ouvintes podem perder o interesse no Podcast.

- *Marian Mcpartland's Piano Jazz*: Esse é um lendário programa de rádio da NPR que existe há mais de 30 anos, e desde 2011 se tornou um Podcast. Ele é conduzido por Marian Mcpartland, pianista e compositora, que convida diversos músicos do Jazz para uma conversa íntima. Além disso, Marian toca piano e acompanha todas as músicas de seus convidados durante o episódio. Mcpartland tem uma voz agradabilíssima, a qualidade do áudio é extraordinária e o programa, com duração aproximada de uma hora, é repleto de músicas emocionantes acompanhadas ao piano da locutora principal. Esse Podcast é, sem dúvidas, o melhor programa de Jazz que nós ouvimos, dentre os pesquisados.

6.2. O planejamento do programa:

Falar sobre a história do Jazz não é um assunto novo, porém suas abordagens normalmente tem um enfoque maior para a teoria e o ensino de todos os aspectos didáticos acerca do tema. A proposta do grupo se difere disso. Há uma maior preocupação na forma como as informações correlacionadas à história do Jazz são passadas ao público. Ao invés de tentar passar às pessoas tudo o que foi aprendido na pesquisa feita, foram selecionados alguns temas importantes e relevantes para o contexto histórico. Os assuntos escolhidos, por sua vez, não tiveram a pretensão de serem abordados detalhadamente pelos participantes do programa, mas de forma interativa, com exemplos musicais e contando com comentários pertinentes em um ambiente menos formal de conversas e debates dos conteúdos.

Para tornar essa ideia possível, a segunda fase do projeto contou com um planejamento mais específico de tudo relacionado ao programa. Nesse período foi decidido o nome do trabalho, o meio de distribuição, o formato e os gêneros radiofônicos utilizados, a duração dos episódios, o slogan do projeto para ser disponibilizado no blog, a vinheta utilizada nos episódios, o calendário de gravação e as estratégias de divulgação. O nome do programa e a vinheta foram escolhidos tomando como referência a música “Influência do Jazz” de Carlos Lyra e o meio de distribuição que se enquadrou melhor para a proposta do trabalho foi o Podcast, como já mencionado anteriormente. Além disso, o programa foi dividido em cinco temas a serem abordados em sete episódios, considerando que o tema que aborda as rupturas estilísticas do Jazz engloba muitas informações importantes, tendo que se dividir em duas partes, e um último episódio funcionou como uma seleção musical dos cantores mais renomados do gênero. Dessa forma a divisão ocorreu na seguinte ordem:

NOME DO EPISÓDIO	DURAÇÃO MÉDIA
Jazz, Preconceito e Pobreza	60 minutos
Jazz e Blues	60 minutos
Jazz e Mulher	60 minutos
Jazz e Rupturas (parte 1)	60 minutos
Jazz e Rupturas (parte 2)	60 minutos
Jazz e Bossa Nova	60 minutos
Músicos Influentes do Jazz (TOP 5)	60 minutos

Para o formato radiofônico, foi decidido que o programa seria temático e voltado para discussões acerca de temas específicos relacionados ao Jazz. Além disso, o modelo que o programa assumiu foi a alternância entre música e locução, sendo que cada música foi precedida de um comentário explicativo a respeito de cada tema sobre o Jazz. Alguns

programas contaram com discussões sobre as opiniões do locutor Henrique Gláuber, membro do grupo, e nossos convidados.

Esses convidados garantiram um maior dinamismo nas abordagens dos temas, pois possibilitaram uma interlocução mais animada para os episódios. Todos eles são amantes do Jazz e possuem grande conhecimento acerca do gênero, o que contribuiu para o aprofundamento das temáticas. Ao todo foram cinco convidados, sendo eles:

- Alciomar Oliveira é doutor em Música pela Universidade de Laval no Canadá e professor de Música na Universidade de Brasília desde 1996. Alciomar também leciona Harmonia e Improvisação na UnB e, além disso, trabalha com a Orquestra Popular Candanga.
- Felipe Pessoa é mestre em Música pela Universidade de Brasília, violonista de sete cordas e professor da Escola de Música de Brasília. Felipe também leciona, na Escola de Música de Brasília, as disciplinas de Violão Popular, Violão de Sete Cordas, Harmonia e História da música.
- Gyancarlo Francischeto é formado em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Além disso é amante de Jazz e criador/apresentador do programa de rádio "Nu Jazz" que se encontra no *Soundcloud*.
- Marcelo Ramos é formado em Música pela Universidade de Brasília, atua como professor da Escola de Música de Brasília e fundou, juntamente com Genil Castro e com Ricardo Batista, o curso de Guitarra na Escola de Música de Brasília. Ligado a improvisação, Marcelo é propagador do método húngaro de teoria musical, denominado Kodaly.
- Thanise Silva é formada em Música pela Universidade de Brasília, além de ser professora da Escola de Música de Brasília, Arranjadora e Flautista. Thanise também leciona as disciplinas de História da Música e Prática de Conjunto na Escola de Música de Brasília.

Ao final, o programa se estruturou da seguinte forma:

- 1) Abertura do programa com a apresentação e uma vinheta.
- 2) Locução com a introdução do tema a ser tratado, utilizando a BG, ou “background”, como fundo musical de Jazz, sendo a música escolhida pertinente ao tema.
- 3) Alternância entre música e locução sobre o tema (durante a locução do programa, também é utilizado o formato BG). Nos episódios com participação de convidados ocorre uma interlocução entre os participantes.
- 4) Considerações finais e despedida dos participantes, também com inserção do BG.

Para garantir esse formato, a duração do programa foi determinada em sessenta minutos, podendo se estender um pouco mais ou finalizar antes desse período, já que alguns temas necessitavam de uma explicação mais longa e outros não.

O slogan escolhido foi “um Podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências” que se originou como forma de deixar claro para os ouvintes a proposta e o tema do programa. Esse slogan, portanto, resume a ideia principal do projeto e é utilizado, também, como subtítulo do projeto experimental.

6.3. Os processos de criação dos episódios:

O processo de criação e gravação dos episódios contou, primeiramente, com o desenvolvimento de um roteiro para servir como base de discussão dos temas. Para abrir o programa a introdução desse roteiro teve uma breve explicação a respeito do que se trata o Podcast, quem são seus criadores, qual sua temática e como cada episódio é dividido. Essa parte introdutória é de suma importância para o sucesso do programa pois é o primeiro contato do ouvinte com os episódios e, por isso, o texto tem que ser bem escrito e gerar o interesse do ouvinte para que ele não desista e continue escutando e acompanhando o programa.

O roteiro, então, deve ser escrito de forma clara visando a total compreensão da mensagem pelo ouvinte. Para isso, os alunos o escreveram evitando o excesso de informações, frases longas e sem sentido, utilização de muitos termos técnicos e argumentos

descontextualizados. Houve, sempre, uma preocupação com a compreensão dos ouvintes, de forma que tudo o que foi escrito foi pensado na perspectiva dos espectadores e a forma como ele poderia entender as informações passadas, dessa forma tudo o que pudesse ficar ambíguo ou atrapalhar seu entendimento em relação aos temas foi cortado do texto.

Por se tratar de um programa que contava com a participação de convidados na maioria de seus episódios, o texto escrito para o roteiro funcionou como um guia de discussões. Dessa forma, como o locutor não poderia prever o que o convidado falaria, o grupo tentou escrever os textos de forma a encaminhar e direcionar a conversa para a temática desejada. Apesar dessa atenção para se estruturar o programa da melhor forma possível, em alguns momentos o roteiro não foi seguido por completo já que muitas vezes o convidado trazia outro assunto para debate em meio aos seus comentários, o que acabou contribuindo para um maior dinamismo nas conversas e colaborou, ainda mais, para uma melhor qualidade de informações.

6.4. Edição do programa:

Ao final das gravações, o processo de edição buscou organizar o que foi discutido com os convidados da maneira mais enxuta possível, buscando manter a essência das conversas e do conteúdo abordado. Nesse momento do trabalho o grupo se deparou com uma dificuldade ao considerar que algumas conversas foram muito além do previsto e excederam o tempo de duração do episódio. Para resolver esse problema os alunos tiveram que discutir sobre quais informações seriam mais relevantes para inserir no programa e quais partes deveriam ser cortadas. Esse procedimento exigiu uma maior atenção e cuidado para que as frases cortadas não ficassem desconexas ou perdessem o sentido, mas após a edição de alguns episódios o grupo adquiriu uma maior experiência que facilitou esse processo para os últimos episódios gravados.

Após serem realizadas todas as seleções das partes mais importantes e os cortes necessários, os alunos verificaram se os episódios apresentavam uma coesão para garantir a harmonia de todo o programa. Desapegar de muitas falas dos convidados foi uma missão difícil mas essencial para o sucesso do Podcast.

6.5. Criação do Blog:

O Blog é uma página na Web que permite uma atualização constante para a publicação de mensagens de textos, imagens, vídeos e áudios. Por se tratar de um dispositivo de interação e comunicação, ele pode conter links para outros sites de interesse e permitir a colaboração de seus usuários através de comentários e debates dos assuntos abordados.

Essa é uma importante ferramenta para uma construção de um aprendizado coletivo, tendo em vista as dinâmicas que suas tecnologias propiciam.

Os Blogs por sua vez, apresentam características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas, além de favorecer a construção de ambiências comunicativas, a troca de papéis entre emissor e receptor, sendo que neste contexto a mensagem se torna uma construção conjunta entre ambos, domínio técnico do dispositivo e interatividade. (SILVA; CORRÊA; SILVA; MOURA; SILVA, 2015, pag. 7)

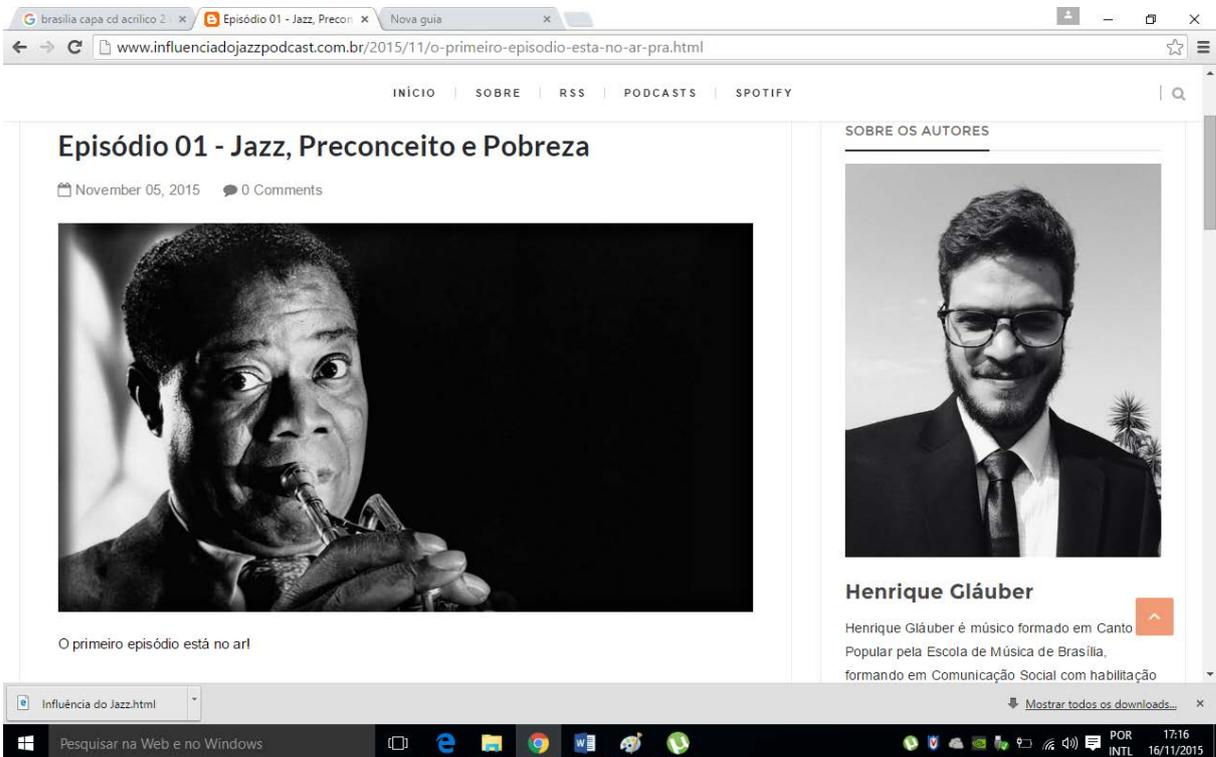
Tendo todas essas qualidades em vista, o grupo optou por utilizar essa tecnologia para auxiliar na divulgação do Podcast criado.

Assim, as seções desse blog reúnem os seus diferentes conteúdos. A página inicial apresenta as últimas postagens feitas, exibindo imagens, textos e os episódios disponíveis. Ao clicar em “Sobre”, as pessoas são direcionadas para a parte que explica quem são os criadores e quais temas são discutido no programa. O *link* “RSS” permite a assinatura do Podcast para os ouvintes interessados. Já a área de “Podcasts” e “Spotify” levam os internautas, respectivamente, ao *soundcloud*, que disponibiliza todos os episódios do *Influência do Jazz*, e à nossa playlist do *Spotify*, que proporciona uma seleção musical completa de Jazz, incluindo canções que não puderam ser incluídas nos episódios que tinham um limite de duração. Além dessas áreas, o blog possui pequenos ícones com a logo das redes sociais em que estamos presentes. Ao clicar nesses atalhos, o nosso público é conduzido para essas mídias, proporcionando uma maior interatividade com os ouvintes.

6.5.1. Página Inicial do Blog:



6.5.2. Post do Episódio 01:



6.5.3. Soundcloud:



6.6. Estratégia de Divulgação:

As estratégias de divulgação foram pensadas buscando alcançar o público desejado, tendo em vista que o meio de distribuição escolhido é novo e pouco utilizado no país, o que poderia acarretar em um menor contato com seus ouvintes. Para solucionar esse problema, o grupo decidiu criar algumas redes sociais para proporcionar uma maior divulgação do programa. Dessa forma foi decidido utilizar o Facebook e Instagram, por estarem entre os canais mais populares e que reúnem um maior número de usuários brasileiros, segundo a pesquisa feita pela inteligência em marketing digital, Serasa Experian em 2014. Além desses meios, o grupo criou um e-mail para contato e o blog para publicar os episódios e textos relacionados, a fim de facilitar o acesso do público ao Podcast. Foi definido, também, um responsável pela mídia social para garantir a qualidade do canal virtual. Essa pessoa é a aluna Marcella Bax, membro do grupo desse projeto, que garante a manutenção semanal do blog, cumprindo prazos, respondendo possíveis interações dos usuários e mantendo a qualidade de todo o conteúdo postado.

O calendário de gravações passou por algumas modificações de prazo durante o período de trabalho, pois o fato do programa contar com a participação de convidados cria a necessidade de uma maior flexibilidade em relação aos dias e horários disponíveis. Em alguns

momentos os participantes não puderam comparecer, mas o grupo se organizou para reagendar a gravação ou, até, substituir o contribuinte que não apresentava uma disponibilidade que se encaixasse com o cronograma de produção do projeto. Dessa forma o período de gravação se prolongou entre os meses de Agosto e Novembro.

A realização desse projeto foi uma experiência prazerosa para o grupo, mesmo com todas as dificuldades passadas em seu processo. Isso porque os problemas identificados ao longo da criação do produto serviram como um aprendizado para os alunos. Lidar com os obstáculos que surgiram nessa trajetória nos ensinou a ter calma, pensar nas possibilidades de soluções e nas consequências das nossas decisões. A cada barreira vencida, novos conhecimentos foram adquiridos e isso facilitou a resolução dos problemas futuros. Ao final, o grupo conquistou novas experiências que nos auxiliarão na vida profissional e, também, na vida pessoal de cada membro, tendo em vista que as lições aprendidas podem ser utilizadas para qualquer obstáculo que a vida traz ao longo de nossa existência.

7. Considerações Finais

Só a experiência própria é capaz de tornar sábio o ser humano.
Sigmund Freud

Ao longo do desenvolvimento do projeto e com as pesquisas teóricas, a elaboração de um planejamento para o programa e das estratégias de divulgação se tornaram mais claras para os objetivos do trabalho.

O grupo decidiu que os episódios do programa “Influência do Jazz” deveriam ser destinados a um público que engloba os especialistas do gênero e, também, os seus amantes e fãs, que tenham afinidade com o Jazz e possuem algum conhecimento ao seu respeito. A escolha desse público foi feita de acordo com a proposta de duração do programa. Como o Podcast é segmentado e especializado numa temática, pressupõe-se que o ouvinte já tenha um conhecimento prévio ou, ao menos, uma ideia a respeito do gênero, pois o número de episódios e a duração deles não permitiriam explicações tão detalhadas sobre os temas. Para que os programas pudessem fluir, dentro de seu limite de duração, com todas as ressalvas do locutor e dos seus convidados e ainda houvesse espaço para as músicas serem reproduzidas, as informações passadas deveriam ser sucintas.

Por esse motivo, o público alvo não pode englobar uma audiência que não tenha afinidade com o gênero, pois apesar de poucos, existem alguns termos técnicos que dificultam a compreensão de quem não possui um conhecimento musical. Para que esses termos fossem explicados, o programa teria que se estender por um tempo muito maior do que o planejado. Essa situação mudaria o foco do programa e poderia fazer com que as locuções ficassem monótonas e entediantes.

Após determinar o público alvo, a linguagem utilizada nos episódios foi escolhida de forma a garantir a clareza das informações mas evitando um formalismo exacerbado. Considerando que a maioria dos temas contaram com a contribuição de convidados, foi decidido que as gravações reproduziriam conversas entre os participantes, com uma certa liberdade para os comentários relacionados ao tema, porém seguindo uma estrutura organizada previamente em um roteiro que deveria ser seguido. Nesse contexto, o uso de certos coloquialismos e expressões não formais da Língua Portuguesa foram aderidos em muitos episódios, caracterizando essa espontaneidade do discurso radiofônico.

“O discurso radiofônico apresenta mais variações que o escrito, já que a fala é mais espontânea, mais natural que o escrito. Mas a fala transmitida pelo rádio escapa àquele que a pronuncia, ela se torna tributária de uma técnica” (TUDESQ, 1984, p. 19).

Durante o desenvolvimento do projeto, no entanto, o grupo percebeu que, apesar da escolha do Podcast como meio de transmissão midiática de fácil acesso, esse recurso encontraria maiores dificuldades para fazer com que os episódios chegassem até o público desejado pois, por se tratar de uma mídia nova, poucas pessoas a conhecem e ela ainda é pouquíssima usada no Brasil. Para contornar essa situação, o grupo criou um blog onde pudessem ser disponibilizados todos os episódios do programa, além de possibilitar postagens de textos introdutórios aos temas e ainda permitir que os ouvintes interajam com os criadores do projeto por meio de comentários ou através de um e-mail, criado juntamente com essa página. É importante ressaltar que o grupo teve que pesquisar informações sobre como criar o blog e as ferramentas que ele exigia, já que ninguém tinha experiências prévias de utilização desse recurso.

Além desses meios também foram criadas outras redes sociais como o Facebook e o Instagram para promover o blog e, principalmente o programa “Influência do Jazz”.

Uma outra inquietação que afligia o grupo era como criar um episódio que aborda temas que fazem necessárias algumas explicações teóricas com informações históricas, sem

que o público se cansasse ou considerasse o programa como exaustivo. Para evitar essa situação o grupo decidiu criar uma estrutura mais interessante para os ouvintes, já que a opção de um só locutor não seria a melhor saída, considerando que a participação de convidados tornaria as discussões dos temas mais dinâmicas. Os alunos também optaram pela divisão de cada episódio em blocos, onde seriam abordadas subdivisões dos temas, fragmentando-os e incluindo uma música entre eles. A finalidade da inserção da música foi para exemplificar o que estava sendo discutido em cada bloco e, também, quebrar com as locuções, proporcionando aos ouvintes um momento de intervalo para relaxar ouvindo o melhor do Jazz.

Por fim, o processo de pesquisa e desenvolvimento do programa resultaram em uma grande aprendizagem, não somente sobre o Jazz, sua história e influências, mas também sobre as formas como devem ser encarados os desafios e obstáculos que surgem no caminho. Todas as dúvidas que surgiram no processo puderam ser solucionadas com empenho e dedicação, resultando em uma ótima experiência para a conclusão do trabalho experimental.

8. Referências:

8.1. Referências Bibliográficas:

- HOBBSAWN, Eric J. A História Social do Jazz. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1990
- BERENDT, Joachim-Ernst; HUESMANN, Gunther. The Jazz Book: From Ragtime to the 21st Century. Chicago, ed. Lawrence Hill Books, 2009.
- KOEHLIN, Stéphane. Jazz Ladies: a História de uma Luta. São Paulo. Companhia editora Nacional, 2012
- SANTAELLA, Lúcia. - Cultura das Mídias. 2a ed.- São Paulo, Experimento, 1996.
- TUDESQ, A. Les conditions de production et d'écoute: leur incidences sur les discours radiophonique. In: CHARADEAU, Patrick (org.). Aspects du discours radiophonique. Paris: Didier Erudition, 1894.

8.2. Referências Eletrônicas:

- DANTAS, Tiago. "Jazz"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/artes/jazz.htm>>. Acesso em 03 de setembro de 2015.
- VICENTE, Eduardo. "Gêneros e formatos radiofônicos"; BemTv. Disponível em <<http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/generoseformatos.pdf>>. Acesso em 04 de setembro de 2015.
- SILVA, Adriene S.; CÔRREA, Avani M. C.; SILVA, Karla C.; MOURA, Aparecida S.; SILVA, Mislene D. "Ecossistemas Educomunicativos: o 'Blog' como ferramenta educunicativa"; Intercom. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0761-1.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2015.
- BENZECRY, Lena. "Netnografando o 'samba de raiz': O que dizem podcasters que pretendem divulgar este gênero musical mundo afora?"; Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0118-1.pdf>>. Acesso em 06 de novembro de 2015.
- SAAR, Cláudia M. A. A. "A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação"; Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0948-2.pdf>>. Acesso em 06 de novembro de 2015.
- CARVALHO, Paula M. "Procedimentos de Construção de Podcast: Uma Proposta de Análise"; Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2205-1.pdf>>. Acesso em 06 de novembro de 2015.
- LUIZ, Lucio. "Podcasters Brasileiros: Uma 'Comunidade' em Busca de Visibilidade"; Intercom. Disponível em

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0075-1.pdf>>. Acesso em 06 de novembro de 2015.

- LUIZ, Lúcio Luiz; ASSIS, Pablo. “História do Podcast”; Dia do Podcast. Disponível em <<http://diadopodcast.com.br/blog/historia/>>. Acesso em 07 de novembro de 2015.
- SERASA. “Facebook é líder entre redes sociais em julho no Brasil, dados Hitwise”. Serasa. Disponível em <<http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-entre-redes-sociais-em-julho-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>>. Acesso em 08 de novembro de 2015.
- CLUBE DE JAZZ. “História”. Disponível em: <<http://www.clubedejazz.com.br/ojazz/historia.php>>. Acesso em 05 de setembro de 2015.
- THEME EXPOSE. “Entertainment Templates”. Disponível em: <<http://www.themexpose.com/search/label/Entertainment?max-results=6>>. Acesso em 28 de setembro de 2015.
- MUNDO BLOGGER. “Tutoriais para Blogger”. Disponível em: <<http://www.mundoblogger.com.br/>>. Acesso em 27 de setembro de 2015.
- LUZ, Adriano. “Aprenda como criar um blog e ganhar dinheiro com ele”. Disponível em: <<http://www.gerencianoblog.com.br/2015/02/aprenda-como-criar-um-blog.html>>. Acesso em 26 de setembro de 2015.
- MUNDO PODCAST. “Podcasteando”. Disponível em: <<http://mundopodcast.com.br/podcasteando/>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.
- CRANE, Jason. “The Jazz Sessions with Jason Crane”. Disponível em: <<http://thejazzsession.com/>>. Acesso em 19 de agosto de 2015.
- MCHARGUE, Mike; GUNGOR, Michael. “The Liturgists Podcast”. Disponível em: <<http://www.theliturgists.com/podcast/>>. Acesso em 16 de agosto de 2015.

- JAZZ.ORG. “The Jazz Stories”. Disponível em: <<http://www.jazz.org/media/radio-shows/>>. Acesso em 20 de agosto de 2015.
- MCPARTLAND, Marian. “Marian Mcpartland`s Piano Jazz”. Disponível em: <<http://www.npr.org/series/15773266/marian-mcpartland-s-piano-jazz>>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

9. Anexos

ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 1 JAZZ, PRECONCEITO E POBREZA

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Alciomar Oliveira

LOC HENRIQUE: O Jazz e suas costuras sociais, raciais e econômicas aqui e agora no Influência do Jazz

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: Bom dia, boa tarde e boa noite. // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam bem vindos ao primeiríssimo episódio do Influência do Jazz, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

Bom, eu sou um estudante formando de Audiovisual na Universidade de Brasília, que é de onde eu produzo e gravo esses programas. E a minha paixão pela música vem desde a infância e só foi aumentando com o passar dos anos. Apesar de desde cedo eu tocar violão e cantar, só quando eu completei 19 anos, eu decidi estudar música a sério. Então eu fiz a prova pra estudar Canto Popular na Escola de Música de Brasília, e passei. Hoje eu sou recém formado no curso de Canto Popular pela Escola de Música de Brasília. Além disso, obviamente, eu sempre fui um amante de Jazz. Por isso, eu criei esse podcast pra falar sobre esse estilo musical incrível. / Geralmente eu não vou estar aqui sozinho, vai ter sempre um convidado conceituado no Jazz pra conversar comigo. E falando em convidado, eu tenho a honra de apresentar o meu primeiro: Alciomar Oliveira. // Doutor em Música pela Universidade de Laval no Canadá e professor de música na Universidade de Brasília. Além disso ele dá aula de Harmonia e Improvisação na UnB e também trabalha com a Orquestra Popular Candanga. // Seja Bem-vindo, Alciomar. // Você pode falar um pouco sobre sua paixão pelo jazz pra gente?

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Nesse episódio nós vamos falar sobre Jazz, Pobreza e Preconceito. Eu e o Alciomar vamos conversar um pouco sobre a história do Jazz e seu contexto social, político e racial.

O Programa está dividido em quatro blocos. O primeiro vai dar um panorama geral sobre o início do Jazz, no segundo bloco eu e o Alciomar vamos conversar sobre Jazz e pobreza. No terceiro bloco o tema é Jazz e preconceito, e pra fechar o programa a conversa é sobre o Jazz como uma música de protesto. // Em cada bloco eu e o Alciomar vamos bater um papo sobre cada um dos assuntos propostos e depois tocar uma música que marcou e exemplifica o tema abordado.

TEC: SOBE MÚSICA. DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 1 - DE 1 MIN A 10 MIN

LOC HENRIQUE: O Jazz é um estilo musical que surgiu por volta do início do século XX nos Estados Unidos, resultado de diversas influências culturais como a afro-americana, a francesa, a espanhola e a inglesa. Alciomar, por que a origem do jazz está associada às questões da pobreza e do preconceito racial?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Todas essas misturas culturais, e consequentemente musicais, que o Alciomar e eu estamos conversando aqui, alcançaram um ponto de erupção em New Orleans. Obviamente, o jazz não nasceu simplesmente em New Orleans, na verdade, os elementos musicais africanos e europeus estavam

se misturando muitas partes dos Estados Unidos. Mas New Orleans conquistou esse título de berço do Jazz porque foi somente lá que a banda de Jazz apareceu como um fenômeno de massa. Com esse pano de fundo Alciomar, eu gostaria que você comentasse o porque o Jazz surgiu como uma forma desenvolvida. O que havia na cidade que propiciava a emergência do jazz?

LOC HENRIQUE: Baseado nesse contexto que a gente tá conversando eu escolhi a música

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA.

TEC: SOBE MÚSICA DO BG. DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 2 - DE 1 MIN A 10 MIN

LOC HENRIQUE: Voltamos pra o segundo bloco do Influência do Jazz. E nesse bloco o tema é o Jazz relacionado com a pobreza.

No seu início, o Jazz era uma música de pessoas pobres. Além de pobres, essas pessoas não eram estimadas e nem respeitadas pela sociedade. Alciomar, eu gostaria que você comentasse sobre essa camada socioeconômica desprivilegiada que acabou gerando muitos dos primeiros músicos de Jazz.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: De uma certa forma, muitos pobres abraçaram o Jazz como música de entretenimento. Para eles, não era só uma forma de ganhar a vida, mas uma maneira de criar um caminho próprio, um caminho só seu dentro do mundo. E mesmo que muitos desses músicos e artistas não tenham alcançado um nível de estrelato, o sucesso moderado já garantia que eles escapassem da pobreza e dos trabalhos pesados e não especializados. Talvez, o maior exemplo de um músico de Jazz que veio da pobreza extrema e conquistou não só New Orleans, ou os Estados Unidos, mas o mundo seja Louis Armstrong. Alciomar, você quer comentar um pouco da vida desse músico incrível, e da história de superação dele pra gente?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Muitos músicos de Jazz passaram por altos e baixos. A partir de 1927, o Jazz Antigo vinha perdendo sua força. Por isso, Bessie Smith, no final de sua carreira, andava bebendo mais do que nunca e acrescentou aos seus blues um número crescente de pornografia, mas nem isso poupou ela do grande declínio dos seus shows. Oliver King, o segundo Rei do Jazz, que veio em seguida do grande trompetista Buddy Bolden, terminou sua carreira sem dinheiro, sem dentes, incapacitado de tocar para sobreviver e se escondendo dos amigos por vergonha de, um dia ter sido o Rei do Jazz. Esses altos e baixos que afetaram muitos artistas do Jazz, quase nunca afetaram Louis Armstrong. Pra ele só existia um caminho: o do sucesso. Ouça agora a faixa *Black and Blue*, composição de Fast Wallers, interpretada por Louis Armstrong and His All Stars num dos concertos mais marcantes da carreira de Louis Armstrong, em 1947, na cidade Boston. Ouça agora *Black and Blue*, com Louis Armstrong.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Black and Blue* do trompetista e cantor americano Louis Armstrong.

TEC: SOBE MÚSICA DO BG. DEPOIS DESCE PARA BG**BLOCO 3 - DE 1 MIN A 10 MIN**

LOC HENRIQUE: A música *Black and Blue* que a gente ouviu tem uma frase que traduzida fica assim: *Meu único pecado está na minha pele, o que eu fiz para ser tão preto e azul?* A música fala do começo ao fim sobre o preconceito racial que os negros sofrem. E não foi por acaso que a escolhi porque o tema do nosso terceiro bloco aqui no *Influência do Jazz* é: preconceito. Claro, que pobreza e preconceito estão interligadas, mas a origem dos músicos de Jazz brancos e dos músicos de Jazz negros são muito diferentes, como também são diferentes os papéis que eles representam nas suas respectivas comunidades. Alciomar, eu queria que você comentasse um pouco sobre a enorme barreira da discriminação racial que assolava os Estados Unidos nos anos iniciais do Jazz.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: O racismo e a segregação, que o Alciomar e eu estamos conversando aqui, aumentou, principalmente nos estados sulistas, após a Guerra Civil Americana e o fim da escravidão. As leis *Jim Crow*, que defendiam que escolas públicas e a maioria dos locais públicos, como trens e ônibus, possuísse instalações separadas para negros, perdurou nos estados sulistas até os anos 1950. Um exemplo pequeno do preconceito racial que existia na época foi um caso que ocorreu com o pianista e cantor Nat King Cole. Famoso em 1948, o músico se mudou pra um condomínio em Hollywood onde moravam os ricos e famosos. Assim que ele chegou, moradores foram bater na sua porta e se ofereceram pra comprar o seu apartamento porque eles não queriam pessoas indesejáveis ali. Nat King Cole continuou morando lá, mas foi mais alvo de preconceito: queimaram uma cruz no seu jardim e escreveram com fogo o insulto *nigger* na grama. Alciomar, comenta um pouco sobre esse e outros casos de preconceito recorrentes naquela época.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Pra fechar esse terceiro bloco, eu escolhi a música *A Strange Fruit*, interpretada por Billie Holiday. A música condena o racismo, o linchamento, e o assassinato de afro-americanos que ocorria principalmente nos estados sulistas Americanos. Holiday tentou gravar essa música pela Columbia Records, mas com medo da repercussão negativa e da queda de venda de CDs nos estados do sul, a gravadora recusou a proposta. Holiday conseguiu então um contrato com a Vocallion Records. Na época, *Strange Fruit* tornou-se o maior sucesso de vendas de Billie Holiday. Ouça agora, *Strange Fruit* na voz da magnífica Billie Holiday.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Strange Fruit* de Billie Holiday

TEC: SOBE MÚSICA DO BG. DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 4 - DE 1 MIN A 10 MIN

LOC HENRIQUE: Estamos chegando no último bloco do programa *Influência do Jazz de hoje*. Nesse bloco eu e o Alciomar vamos conversar sobre o Jazz como uma música de Protesto. Embora talvez esse protesto não seja totalmente consciente, o Jazz originalmente é uma música de protesto das classes oprimidas. A partir dos anos 30, o músico negro de Jazz ficou cada vez mais ambicioso, tanto para estabelecer sua superioridade com relação ao músico branco, como para aumentar o status do Jazz. Pra isso os músicos negros buscaram competir com a música dos brancos no seu próprio terreno: uma música de estrutura elaborada e com especialização técnica e teórica. Alciomar, eu queria que você comentasse sobre esse desejo de igualitarismo do músico negro, e de elevar o Jazz ao status de uma música quase erudita.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Puxando o gancho desse assunto que a gente tá conversando aqui Alciomar, eu queria citar uma frase de Eric Hobsbawn que está em seu livro *A História Social do Jazz*: "Dessa forma, o jazzista moderno

está, rapidamente, tornando-se uma figura familiar para todo aquele que se interessa pela história da arte do século XX. A sua cor, isto é, as tradições especiais de um mundo culturalmente não ortodoxo, do qual ele veio, acaba sendo cada vez mais irrelevante." Alciomar, você concorda com essa frase?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Baseado nisso, eu escolhi pra fecharmos esse bloco a música *Django* do álbum de enorme sucesso também intitulado *Django*, do Modern Jazz Quartet. A música é uma homenagem ao guitarrista belga de Jazz Django Reinhardt, e foi composta por John Lewis. O Modern Jazz Quartet se encaixa bem nessa rebelião contra a inferioridade do negro. O quarteto queria distância do jeito boêmio e palhaço de se comportar dos músicos do velho estilo. O Modern Jazz Quartet, buscava o respeito e a erudição. Eles se vestiam com smokings e se curvavam em agradecimento a cada salva de palmas que recebiam. Ouça agora a uma das minhas músicas preferidas do Jazz: *Django*, do Modern Jazz Quartet, grupo dos anos 50.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Django*, do Modern Jazz Quartet.

TEC: SOBE MÚSICA DO BG. DEPOIS DESCE PARA BG

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do Influência do Jazz de hoje. // Alciomar Oliveira, muito obrigado pela sua participação aqui no Influência do Jazz hoje. A estreia desse programa não poderia ter sido melhor do que com a sua presença aqui. Fala um pouco sobre o seu trabalho mais recente e deixa algum contato pra quem tá ouvindo te conhecer ainda mais.

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Alciomar // Como esse aqui é o primeiro programa eu vou contar uma novidade pra você: Todas as músicas que foram citadas nesse programa, e muitas músicas de Jazz ligadas ao programa de hoje e ao que eu e o Alciomar conversamos aqui estão disponíveis em uma playlist que eu criei pra você lá no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso podcast.

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST. //**

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM.//**

LOC HENRIQUE: E a última música do programa de hoje é Sing, Sing, Sing gravada pelo maravilhoso clarinetista Benny Goodman em Hollywood no ano de 1937, Durante uma era de segregação, Benny Goodman foi o primeiro músico de jazz a criar uma banda formada de integrantes brancos e negros e se apresentar em público. A Banda contava com Teddy Wilson, Lionel Hampton, Cootie Williams e Charlie Christian. Por isso, a última música desse programa é uma homenagem a ele. Ouça agora Sing, Sing, Sing de Benny Goodman, o Rei do Swing.

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou "Convidado"

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA

TEC: VINHETA SOBE E CORTA

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 2
JAZZ E BLUES**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Felipe Pessoa

LOC HENRIQUE: Jazz e o Blues como a sua principal fonte de inspiração aqui e agora no seu Influência do Jazz.

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: E aí pessoal // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam muito bem vindos a mais um episódio de Influência do Jazz, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

E o meu convidado especial de hoje é o Felipe Pessoa. // Mestre em Música pela Universidade de Brasília, Violonista de sete cordas e professor da Escola de Música de Brasília. // Felipe também dá aula de Violão Popular, Violão de sete cordas, Harmonia e História da música na Escola de Música de Brasília. // Bem-vindo, Felipe Pessoa.

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Certo. // Nesse episódio nós vamos falar sobre Jazz e Blues. Como o Blues influenciou, influencia, e acompanha musicalmente o Jazz. Hoje o programa é dividido em três blocos. No primeiro eu e o Felipe vamos identificar musicalmente o Blues, no segundo e terceiro bloco nós vamos bater um papo sobre Blues no Jazz Orquestral enfatizando as bandas de Duke Ellington e Count Basie. No fim de cada bloco nós vamos ouvir uma música que exemplifica aquilo que estamos conversando. Essa música que você escuta no fundo é Beale Street Blues, um clássico do Blues e do Jazz composto pelo americano William Chistopher Handy: "O pai do Blues" e interpretada na voz do pianista e cantor Nat King Cole. Um dos meus cantores de Jazz prediletos.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PARA BG**BLOCO 1 - DE 1 MIN A 5 MIN**

LOC HENRIQUE: Felipe, pra gente falar da presença do Blues no Jazz é necessário, primeiro, a gente identificar o Blues. O Blues não é um estilo ou uma fase do jazz, mas ele é um substrato permanente em todos os estilos de Jazz. Você concorda?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Dentro do Blues existe a "escala blues". A escala blues é uma adaptação entre as escalas europeias e as escalas africanas. A maneira mais fácil de reconhecer essa escala é através das "blue notes". Felipe, explica pra quem tá ouvindo o que é a escala blue e as blue notes.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Felipe, é essa escala que faz do Blues uma base sólida para a improvisação individual e coletiva no Jazz?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Pra finalizar esse primeiro bloco eu escolhi a música *St Louis Blues*, que é um standart do Jazz, e demonstra várias características do Blues. Um exemplo perceptível na música é a antifonia, ou seja, o canto e a resposta. Apesar da qualidade do áudio não ser das melhores, por causa dos equipamentos de gravação da época, tente observar esse canto na voz de Bessie Smith intercalada com o trompete de Louis Armstrong. O resultado é magnífico. Ouça então *St Louis Blues* interpretado por dois nomes que transformaram a história do Jazz: Bessie Smith e Louis Armstrong

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA ST LOUIS BLUES

LOC HENRIQUE: Essa foi *St Louis Blues* de Bessie Smith e Louis Armstrong

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 2: 1 MIN A 6 MIN

LOC HENRIQUE: Estamos no nosso segundo bloco e agora eu e o Filipe vamos conversar sobre Jazz Orquestral e como esse grupo incorporou o Blues em suas músicas. E pra falar de Jazz Orquestral não poderíamos deixar de lado o Duke Ellington e sua impecável big band. Duke Ellington, que é um dos maiores talentos produzidos pelo Jazz até hoje, deu ao Blues uma forma orquestral, baseando-se em suas harmonias e desenvolvendo a melodia. A música que você tá ouvindo no BG é Concerto for Cootie. O musicólogo francês André Hodier escreveu uma análise de vinte umas páginas para essa música

incrível. Felipe, como o Blues se incorporou na banda de Duke Ellington de uma maneira tão rica?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Duke Ellington, na verdade foi muito maior como um inovador musical do que como um artista. A música de Duke Ellington é um processo de descoberta mais do que uma série de conquistas. Felipe, eu queria que a gente comentasse um pouco sobre a carreira e o talento de Duke Ellington.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: A maior contribuição de Duke Ellington ao Jazz foi a descoberta que as orquestras podem ter um som único. Duke Ellington, que era um exímio arranjador, mesclou cuidadosamente os instrumentos individuais de cada músico para criar uma fina sintonia em sua orquestra. O som de Duke Ellington é inconfundível. Por isso, a música que eu escolhi pra finalizarmos esse bloco é *Jeep`s Blues* tocada ao vivo no Newport Jazz Festival em Newport. Os festivais de jazz eram uma inovação na época e esse concerto revitalizou a carreira de Duke Ellington. Na música percebia a antifonia característica do Blues e como os solos tendem mais para a resposta ao acompanhamento do Blues do que para longas improvisações livres. Ouça agora *Jeep`s Blues* do inesquecível Duke Ellington, ao vivo no Newport Jazz Festival.

TEC: DESCE E CORTA BG. LOC HENRIQUE: Essa foi Jeep`s *Blues* de Duke Ellington.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG. MSUICA DA ELLA

BLOCO 3: 1 MIN A 8 MIN

LOC HENRIQUE: Voltamos para o nosso terceiro e último bloco aqui no Influência do Jazz. E agora, eu e o Felipe Pessoa vamos continuar conversando sobre o Jazz Orquestral, mas agora com foco em outro músico fenomenal que adaptou o Blues a sua big band: Count Basie. A música que você ouve ao fundo é *Harvard Blues* de Count Basie com o cantor e vocalista James Rushing. A big band de Count Basie estabeleceu um caminho de simplificação ao invés da elaboração. O processo inverso da banda de Duke Ellington. O Blues adaptado e simplificado a big band de Count Basie se tornou a base para os elementos musicais mais característicos de sua orquestra. Felipe, quais eram essas principais características da música de Count Basie?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Felipe, eu queria instigar a nossa conversa aqui nesse último bloco com uma frase que o gênio do Bebop, Charlie Parker. No seu último dia de vida ele disse: "é uma pena ver que muitos dos jovens músicos que estão começando a aparecer não conhecem ou se esqueceram dos seus fundamentos: o Blues. Ele é a base do Jazz". Felipe você concorda com essa frase? Você acha que se o Blues desaparecer do horizonte o Jazz vai deixar de ser Jazz?

LOCCONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Count Basie estabeleceu por muitos anos sua banda na cidade de Kansas City. Por essa razão, o estilo de Jazz de Kansas City, mais do que qualquer outro estilo, foi o pivô das grandes inovações no Jazz. Charlie Parker, o músico revolucionário do Bebop, curiosamente nasceu em Kansas City, mas da mesma maneira que Count Basie, permaneceu enraizado no Blues como base para o seu Jazz. Por isso pra finalizar esse bloco eu escolhi a música *Swingin The Blues* de Count Basie. Uma homenagem a combinação inconfundível do uníssono dos metais, dos movimentos rítmicos e dos solos de blues presentes na orquestra de Count Basie. Ouça agora a música *Swingin The Blues* de Count Basie.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Swingin The Blues* de Count Basie

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do *Influência do Jazz* de hoje. // Felipe Pessoa, muito obrigado pela sua participação aqui no *Influência do Jazz* hoje. Nosso bate papo foi maravilhoso. // Fala aí um pouco sobre seu projeto mais recente e deixa o seu contato pra quem tá ouvindo te conhecer melhor.

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Felipe Pessoa // Quem acompanha esse *podcast* já sabe, mas se esse é o seu primeiro programa, aí vai a novidade: Todas as músicas que foram citadas nesse programa, muitos álbuns dos programas passados estão disponíveis na nossa playlist no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST.** //

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM.**//

LOC HENRIQUE: E a última música do programa é Freddie Freeloader, um blues de 12 compassos do espetacular compositor, bandleader e trompetista Miles Davis. Freddie Freeloader faz parte do álbum *Kind of Blue*, um disco baseado no Jazz Modal que é aclamado pela crítica como o maior álbum de Jazz de todos os tempos. *Kind of Blue* foi gravado numa fita de três faixas em duas sessões realizadas no 30th Street Studio da Columbia Records, em Manhattan. Como era da propensão de Miles, não houve nenhum ensaio prévio para a gravação do disco. Os músicos chegaram apenas com rascunhos de escalas e linhas melódicas que Miles tinha fornecido para eles. Como disse o Baterista Jimmy Cobb, que tocou em todas as faixas desse álbum, *Kind of Blue*

"só pode ter sido concebido no céu". Ouça agora a incrível Freddie Freeloader do trompetista americano Miles Davis.

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou "Convidado"

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 3
– JAZZ E MULHER**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Thanise Silva

LOC HENRIQUE: As mais belas vozes femininas do Jazz e suas histórias aqui e agora no *Influência do Jazz*

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: E aí pessoal. // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam bem vindos a mais um episódio de *Influência do Jazz*, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

E a minha convidada especial de hoje é a Thanise Silva // Formada em Música pela Universidade de Brasília, professora da Escola de Música de Brasília, Arranjadora e Flautista. // Além disso, Thanise também dá aula de História da Música e Prática de Conjunto na Escola de Música de Brasília. // Seja Bem-vindo, Thanise.

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Certo. // Nesse episódio nós vamos falar sobre as Jazz Ladies, as grandes cantoras do Jazz que encantaram o mundo com as suas vozes e lutas. Hoje o programa é dividido em quatro blocos. Cada um para uma cantora do Jazz diferente: Bessie Smith, Billie Holiday, Ella Fitzgerald e Nina Simone. Eu e a Thanise vamos conversar sobre cada uma delas e no fim de cada bloco vamos ouvir uma música da cantora da vez. A música que você ouve no fundo é *Jump for Joy* do álbum *The Divine One* de Sarah Vaughan, Composição

dos grandes Duke Ellington e Paul Francis Webster. O álbum *The Divine One* acabou se tornando um apelido para a própria Sarah Vaughan

E para abrir o *Influência do Jazz*, Bessie Smith.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 1 - DE 1 MIN A 5 MIN

LOC HENRIQUE: Bessie Smith nasceu em 1894 na região de Chatanooga, no Tennessee. A pobreza acompanhou seus primeiros anos de vida, órfã de mãe e pai, logo cedo já perambulava pelas ruas com seu irmão cantando e mendigando. Das ruas Bessie foi para o sucesso. Ela é considerada por muitos críticos a maior cantora de Blues que já existiu. Com uma voz explosiva e rica, Bessie cantou durante toda sua carreira sobre o vagar de um lado para o outro, sobre a solidão, a transitoriedade do dinheiro, dos amigos e dos homens. Thanise, com esse pano de fundo eu queria que a gente conversasse sobre a carreira de Bessie Smith. Como foi que ela se tornou essa artista incrível e ao mesmo tempo tão triste?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Bessie cresceu muito rápido. Já no topo, ela se transformou numa mulher imponente que bebia muito, mas tinha uma alta resistência ao álcool. Ela bebia tanto que seus empresários por diversas vezes tinham que carregá-la até o palco. Mesmo assim ela cantava sem que o público percebesse nada. Apesar do seu sucesso meteórico, Bessie teve um declínio

enorme e desapareceu depois de 1930, voltando após alguns anos a se apresentar no Carnegie Hall.

Thanise, porque Bessie que anos antes era a rainha do Blues caiu no esquecimento tão rápido?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Infelizmente Bessie morreu de maneira trágica em 1937 num acidente de carro. Depois disso ninguém ocupou seu espaço. Pra finalizar esse bloco eu escolhi a música "*Nobody Knows You When Your Down and Out*" interpretada por Bessie Smith. A música fala sobre a ilusão do dinheiro e de amigos oportunistas. Essa é a minha música preferida de Bessie. Ouça agora Bessie Smith cantando "*Nobody Knows You When Your Down and Out*"

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi "*Nobody Knows You When Your Down and Out*" de Bessie Smith

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG.

DEVE ENTRAR UMAMÚSICA DA BILLIE

BLOCO 2: 1 MIN A 6 MIN

LOC HENRIQUE: Voltamos pro nosso segundo bloco aqui no Influência do Jazz e agora eu e a Thanise vamos conversar sobre Billie Holiday. Como muitos artistas negros, Eleanora Holiday, nome verdadeiro de Billie Holiday, não chegou a conhecer o pai na infância. Aos dez anos de idade foi violentada por um vizinho e ao catorze se entregou a prostituição em Nova York. Eleanore se transformou em Billie Holiday por que admirava e queria se parecer com a atriz de cinema mudo Billie Dove. Thanise, como alguém que passou por tanta miséria e sofrimento se tornou uma das maiores cantoras de Jazz de todos os tempos?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Como nós comentamos no bloco anterior Bessie Smith morreu de maneira trágica num acidente de carro. Ela perdeu muito sangue esperando pela ambulância reservada aos "afro-americanos". A morte de Bessie acabou se tornando o escândalo da segregação a tona. Dois anos depois da morte de Bessie Smith, Billie Holiday lançaria a música que mudaria o tom da sua carreira: "Strange Fruit", uma música agressiva que fala sobre os efeitos terríveis da segregação. Billie Holiday que, por muitos anos, cantou baladas sentimentais, após essa música, se transformou em uma cantora engajada socialmente. Thanise, comenta um pouco sobre essa mudança de foco da Billie Holiday

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Eu não vou colocar *Strange Fruit* pra tocar porque essa música já tocou no nosso primeiro podcast falando sobre preconceito e

pobreza. Você também pode encontrá-la nas nossas playlists do spotify. Eu escolhi pra tocar agora a música *All of Me*, um grande sucesso na voz de Billie Holiday QUE TEM A magnífica participação no Saxofone de ninguém menos que Lester Young "O Presidente", como foi apelidado por Billie Holiday. Ouça agora *All of Me de Billie Holiday*.

TEC: DESCE E CORTA BG. LOC HENRIQUE: Essa foi *All of Me de Billie Holiday*.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG. M'SUICA DA ELLA

BLOCO 3: 1 MIN A 8 MIN

LOC HENRIQUE: Voltamos para o nosso terceiro bloco e agora vamos conversar um pouco sobre uma das vozes mais doces que o Jazz já teve: Ella Fitzgerald. A cantora sonhava em ser dançarina quando criança. Nasceu em Newport News, Virgínia. Ficou órfã logo cedo e foi enviada a um reformatório em Nova York, mas ela fugiu e por algum tempo morou na rua. Mas, aos 17 anos fez sua estreia como cantora no Teatro Apollo, no bairro do Harlem. Daí em diante a vida de Ella nunca mais foi a mesma. Em 1935 ela se encontrou com o famoso baterista Chick Webb e integrou a sua orquestra como vocalista principal. Thanise comenta um pouco pra gente sobre a carreira de Ella Fitzgerald depois que ela se encontrou com Chick Webb.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Ella Fitzgerald ganhou 14 prêmios Grammy e recebeu a Medalha Nacional das Artes do presidente americano Ronald Reagan. A maior condecoração individual conferida a um artista em nome do povo norte-

americano. Eu amo a voz de Ella Fitzgerald, principalmente em seus últimos anos. Por isso, eu escolhi a música *Gone With the Wind*, um belíssimo dueto de Ella Fitzgerald com o guitarrista Joe Pass num show ao vivo em Tokyo, no ano de 1983. Ouça agora, *Gone With the Wind* de Ella Fitzgerald.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Gone With the Wind* de Ella Fitzgerald.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG

BLOCO 4: 1MIN A 10 MIN

LOC HENRIQUE: E esse é o último bloco do Influência do Jazz. Nesse bloco Eu e a Thanise vamos conversar sobre a minha provável cantora de Jazz predileta de todos os tempos: Nina Simone. Eunice Waymon nasceu em 1933 em Tyron, Carolina do Norte. Logo cedo sentiu uma paixão devastadora pela música. Sua família tentou afasta-la dessa paixão. Mas Nina se dedicou mais e mais ao piano clássico e para conseguir pagar seus estudos começou a tocar em clubes noturnos pelo Harlem, em Nova York. Pra escapar da família, ela adotou o apelido de Nina Simone em homenagem a atriz Simone Signoret. Nina sempre sonhou em ser uma grande pianista e concertista, mas encontrou o sentido na sua profissão de cantora quando se transformou, também, em uma ativista importante no Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Thanise, qual foi a importância de Nina Simone para a diminuição da segregação racial nos Estados Unidos? Vamos conversar sobre a carreira dela.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Eu escolhi, pra tocar nesse último bloco a música, *I Put a Spell on You*, do álbum de mesmo título. Esse álbum possui algumas das canções mais famosas de Nina como *Ne me Quitte Pas*, *Feeling Good* e *Tomorrow is my Turn*. Esse álbum com certeza é um dos meus favoritos do Jazz inteiro. Thanise, você quer comentar sobre alguma música em específica desse álbum?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Então, ouça agora a música *I Put a Spell on You* da incrível Nina Simone.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *I Put a Spell on You* da incrível Nina Simone.

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do Influência do Jazz de hoje. // Thanise Silva, muito obrigado pela sua participação aqui no Influência do Jazz hoje. Nossa conversa foi maravilhosa. // Fala aí um pouco sobre seu projeto mais recente e deixa o seu contato pra quem tá ouvindo te conhecer melhor.

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Thanise Silva // Quem acompanha esse *podcast* já sabe, mas se esse é o seu primeiro programa, aí vai a novidade: Todas as músicas que foram citadas nesse programa e de todos os programas já passados estão disponíveis na nossa playlist no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Massa né? Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.//

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST.** //

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM**.//

LOC HENRIQUE: E a última música do programa é *Feeling Good*, também da cantora e pianista Nina Simone. Essa música também está na nossa vinheta de abertura do Influência do Jazz. Ouça agora a música que faz qualquer um "Feel Good". Com vocês: *Felling Good*, de Nina Simone.

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou "Convidado"

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 4
- RUPTURAS ESTILÍSTICAS (PARTE 1)**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Thanise Silva

LOC HENRIQUE: Swing, Bebop, Cool Jazz e os seus principais nomes. Aqui e agora no Influência do Jazz.

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: E aí pessoal. // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam bem vindos a mais um episódio de Influência do Jazz, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

E o meu convidado especial de hoje é a Thanise Silva// Formada em Música pela Universidade de Brasília, professora de prática de conjunto da Escola de Música de Brasília, arranjadora e flautista. // Seja Bem-vindo, Thanise Silva. Conta aí para os ouvintes um pouco mais sobre você

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Nesse episódio nós vamos falar sobre algumas Rupturas Estilísticas do Jazz.

Hoje: ele vai ser dividido em três blocos. Cada um mostra uma ruptura importante. // Swing, Be Bop e Cool Jazz. Em cada bloco eu e a Thanise vamos trocar uma ideia sobre um estilo e depois eu vou colocar uma música que exemplifica a época que a gente está conversando

Então vamos começar falando sobre o Swing.

TEC: SOBE MÚSICA (MÚSICA) (10 SEG). DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 1 - DE 1 MIN A 5 MIN

LOC HENRIQUE: Durante a Primeira Guerra Mundial o bairro de Storyville, em New Orleans, foi fechado por decreto oficial. As Forças Armadas Americanas achavam que as idas e vindas dos soldados a Storyville trazia um perigo moral para as tropas Americanas. Com isso, os músicos de Jazz que tocavam em New Orleans foram obrigados a acharem outro lugar pra tocar e assim ocorreu o primeiro êxodo dos músicos de Jazz em direção a Chicago. Já no final dos anos 20 ocorreu um segundo êxodo do Jazz. Só que dessa vez foi de Chicago para Nova York. E aí nascia o Swing. A música que você tá ouvindo ai no BG é Thanise Silva, explica pra gente o que é o Swing? quais são suas principais características?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: O maior nome do Swing, foi o clarinetista e bandleader Benny Goodman, que foi considerado o Rei do Swing. Na Banda dele a tradição de New Orleans se misturou com os Riffs do estilo de Kansas City. Thanise eu queria que você comentasse um pouco sobre a carreira de Benny Goodman.

LOC CONVIDADO: Opinião a respeito do

LOC HENRIQUE: No fim dos anos 30 o Swing se tornou o maior negócio musical de todos os tempos. A palavra Swing era um marketing pra todos os tipos de produtos e serviços, desde cigarros até artigos de moda feminina. Por isso, pra finalizar esse bloco eu escolhi a música Stompin at' The Savoy de Benny Goodman. Essa música é um grande sucesso comercial e de público. Ouça agora Stompin at' The Savoy de Benny Goodman.

TEC: SOBE MÚSICA (MÚSICA) (15 SEGS.). DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 2: 1 MIN A 6 MIN

LOC HENRIQUE: Essa foi Stompin at' The Savoy de Benny Goodman.

LOC HENRIQUE: Voltamos pro nosso segundo bloco. Bom, como eu havia comentado no bloco anterior, no final dos anos 30 o Swing havia se tornado um enorme mercado musical. E geralmente, no Jazz, quando um estilo se torna muito comercializado, a evolução de outro estilo vem no caminho contrário. E foi assim que surgiu o Be Bop. O Be Bop marca o início do Jazz moderno e foi um movimento espontâneo entre diversos músicos, mas as Jam Sessions que consolidaram o estilo acabaram por acontecer muitas vezes em um lugar chamado Milton`s Playhouse. Thanise, a partir do Milton`s Playhouse eu queria que você explicasse o surgimento do Be Bop.

LOC CONVIDADO: Opinião sobre o Bebop.

LOC HENRIQUE: No estilo Be Bop, praticamente todo instrumento teve o seu pioneiro. No trompete foi Roy Eldrige, no piano, Clyde Hart, entre os saxofonistas foi Lester Young, no baixo Jimmy Blanton, na Bateria, Jo Jones e na guitarra Charlie Christian. Mas entre muitos nomes, dois se tornaram o símbolo do Be Bop. O Saxofonista Charlie Parker e o trompetista Dizzy Gillespie. Essa música que você está ouvindo aí no fundo se chama Things to Come e é a gravação mais importante da carreira da Big Band de Dizzy Gillespie. “Just a week before his death,” Leonard Feather said, “Parker ran into Gillespie at Basin Street. He was desperate, pitiful, pleading. ‘Let’s get together again,’ he urged Dizzy. ‘I want to play with you again before it is too late.’” “Dizzy can’t get over Bird saying that to him,” recalled Loraine, Dizzy’s wife. “His eyes get full of water even now when he thinks about it”. Thanise, eu queria que você falasse sobre esses dois gênios que tiveram origens e formações muito diferentes mas foram amigos por toda a vida.

LOC CONVIDADO: Comentando sobre os artistas e suas músicas.

LOC HENRIQUE: E baseado nisso que a gente tá conversando aqui, eu escolhi pra fecharmos esse bloco a música Koko de Charlie Parker. Charlie Parker fez essa música baseada na progressão harmônica da música "Cherokee". E na música Koko você vai perceber diversas características do Be Bop como a improvisação contínua e a velocidade das notas que são tocadas na música. Ouça agora a espetacular Koko do Saxofonista Charlie Parker.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi Koko de Charlie Parker

TEC: SOBE MÚSICA (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 3: 1 MIN A 8 MIN

LOC HENRIQUE: Nesse terceiro bloco eu e a Thanise Silva vamos bater um papo sobre o Cool Jazz, que veio nos anos 50 como uma resposta a excitação do Be Bop.

LOC CONVIDADO: Comentando sobre o surgimento do Bebop

LOC HENRIQUE: Sempre existiu um contraste do hot com o cool na história do Jazz// Se o Bebop tinha elevado o nível do Jazz a um patamar insuperável, era preciso desenvolver uma maior variedade de opções musicais para os novos artistas. // Em 1947 Charlie Parker formou sua banda e escolheu Miles Davis como seu trompetista. Davis desenvolveu seu próprio estilo de execução da música e tocava de uma forma mais calma que contrastava com as improvisações explosivas de Parker. A química da dupla funcionou muito bem. // No ano seguinte Davis conheceu o compositor e arranjador Gil Evans que utilizava formações não muito usuais. A combinação de swing, baladas e bop fez deste encontro o conjunto que serviu de base e inspiração para o movimento do Cool Jazz. // partindo dessa introdução, eu gostaria que você comentasse um pouco mais sobre o Cool Jazz

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: A expressão “cool” nos dá a ideia de um estilo de execução com uma personalidade mais calma de seus instrumentalistas// Um dos

artistas mais importantes dessa época foi o Miles Davis. // Thanise fale um pouco sobre sua opinião em relação ao Miles.

LOC CONVIDADO:

LOC "OCULTA" HENRIQUE (INTERCALANDO COM A LOC DO CONVIDADO):

LOC HENRIQUE: Pra finalizar esse terceiro bloco em que a gente falou um pouco sobre o Cool Jazz, eu escolhi aqui a música Boplicity do álbum Birth of The Cool de Miles Davis. Ouça agora Boplicity de Miles Davis.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA
LOC HENRIQUE: Essa foi Boplicity de Miles Davis.

TEC: SOBE MÚSICA (15 SEGUNDOS). DEPOIS DESCE PRA BG

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do Influência do Jazz de hoje. // Thanise, muito obrigada pela sua participação aqui no Influência do Jazz hoje. O programa foi ótimo. // Fala aí como as pessoas podem entrar em contato com você.

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Thanise // Quem acompanha esse *podcast* já sabe: Todas as músicas que foram citadas nesse programa, muitos álbuns dos estilos que eu e o Thanise conversamos hoje aqui e muitas músicas de Jazz ligados ao programa de hoje, e de todos os programas

passados estão disponíveis na nossa playlist no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Massa né? Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.//

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST.** //

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM./

LOC HENRIQUE: Thanise, eu queria que você anunciasse essa última música pra gente fechar o programa. Pode ser? Anuncia aí pra gente.

LOC CONVIDADO: A última música do programa é Mas que Nada, do compositor Jorge Bem Jor, reinterpretada Jazzisticamente pelo icone do Be Bop Dizzy Gillespie.// Então vamos de Mas Que Nada com o trompetista Dizzy Gillespie.

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou Thanise Silva

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 5
- RUPTURAS ESTILÍSTICAS (PARTE 2)**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Gyancarlo Francischeto

LOC HENRIQUE: Free Jazz, Fusion, Jazz Pós-Moderno e um pouco mais além. Aqui e agora no Influência do Jazz.

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: E aí pessoal. // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam bem vindos a mais um episódio de Influência do Jazz, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

E o meu convidado especial de hoje é o Gyancarlo Fransischeto. // Formado em Audiovisual pela Universidade de Brasília, amante de Jazz e criador/apresentador de um dos melhores programas sobre Nu Jazz que eu já ouvi nas ondas sonoras da internet. // Seja Bem-vindo, Gyancarlo. // Fala um pouco sobre sua paixão pelo jazz e do seu programa Nu Jazz também.

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Certo. // Nesse episódio nós vamos falar sobre as principais Rupturas Estilísticas do Jazz da década de 60 em diante.

Para você se inteirar do programa eu vou explicar como que vai funcionar hoje: ele vai ser dividido em quatro blocos. Cada um mostra uma ruptura importante. Dois são sobre o Free Jazz, e os outros dois sobre o Fusion e o Jazz Pós-Moderno. // Em cada bloco eu e o Gyancarlo vamos conversar sobre

um estilo e depois eu vou colocar uma música que marcou e exemplifica bem a época e o estilo musical abordado.

Então vamos começar falando sobre o Free Jazz.

TEC: SOBE MÚSICA "TALES (8 WHISPS)" DE "CECIL TAYLOR (10 SEG). DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 1 - DE 1 MIN A 5 MIN

LOC HENRIQUE: O Free Jazz surgiu como uma ruptura com certos padrões do jazz que limitavam a criatividade dos novos músicos. // Gyancarlo, Pra começarmos nossa conversa de hoje Gyancarlo, eu queria que você falasse, de acordo com a sua visão, do que se trata o Free Jazz e quais são as principais inovações, os principais músicos desse estilo e as rupturas musicais que esse estilo trouxe.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Esse novo estilo surgiu perto do início da década de 60 e contou com a participação de músicos como: Ornette Coleman, Cecil Taylor, Albert Ayler, Art Blakey, John Coltrane e muitos outros. // Essa faixa que vocês estão ouvindo aí no fundo é a música *Tales (8 Whisps)* de *Cecil Taylor* do álbum *Unit Structures* que é um dos álbuns referências do Free Jazz.

Cecil Taylor é um pianista americano de Jazz que a partir dos anos 60 foi desenvolvendo uma música complexa e se afastando cada vez mais dos estilos de Jazz já existentes. // O estilo de tocar do Cecil Taylor é muito enérgico e com muita polirritmia. A técnica que ele aplicava no Piano foi muitas vezes

comparada a uma percussão. A gente pode perceber isso na música *Tales* (8 *Whisps*) que tá passando aí no BG.//

TEC: SOBE BG (30 SEGUNDOS)

LOC CONVIDADO: Opinião a respeito do Free Jazz.

LOC "OCULTO" HENRIQUE (INTERCALANDO COM O LOC DO CONVIDADO):

LOC HENRIQUE: Muito Bem. // Eu ia escolher uma das duas faixas do álbum *Free Jazz: A Collective Improvisation* do Ornette Coleman, que é um álbum marcante no Free Jazz, pra fechar esse bloco. // Muitos até consideram que desse álbum é que veio o nome Free Jazz para o estilo que a gente conhece hoje como Free Jazz. Mas eu não vou colocar uma faixa desse álbum, porque esse álbum só tem duas faixas e cada uma tem quase 20 minutos. // Então, não ia ser legal interromper essa obra magnífica na metade. Por isso, eu escolhi a música *Kaledoscopie* do álbum *This is Our Music* que também é do saxofonista Ornette Coleman, que é, aliás, um dos principais nomes do Free Jazz, se não o mais importante. Essa música do Coleman reflete bem muitas características musicais do Free Jazz como a livre tonalidade; as novas concepções rítmicas que romperam com a métrica; e a improvisação coletiva. Vamos ouvir então: *Kaledoscopie*.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA "KALEDOSCOPIE"

LOC HENRIQUE: Essa foi Kaledoscopie de Ornette Coleman.

TEC: SOBE MÚSICA "RESOLUTION"- JOHN COLTRANE (15 SEGS.). DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 2: 1 MIN A 6 MIN

LOC HENRIQUE: Voltamos pro nosso segundo bloco e essa música que você está ouvindo aí no fundo é a música *A Love Supreme - Part II - Resolution* do álbum *A Love Supreme* do ícone John Coltrane. Esse álbum figura entre as grandes obras de John Coltrane e tem uma enorme influência do Free Jazz em suas músicas. O álbum é dividido em quatro movimentos: "Acknowledgement", "Resolution", "Pursuance", e "Psalm". Esse trabalho de John Coltrane, pelos títulos das músicas já se percebe, tem claramente, uma vertente espiritual envolvida. Nesse segundo bloco falando sobre o Free Jazz, eu quero instigar a nossa conversa, Gyancarlo, com uma frase do baterista Sunny Murray, que, aliás, foi um dos principais bateristas do Free Jazz. Ele diz assim: "o ritmo tradicional e clichê da bateria era como a escravidão ou a pobreza. A liberdade rítmica é um caminho em direção a uma condição melhor." Essa frase, pelo menos pra mim, fala tanto da emancipação rítmica que Free Jazz conquistou como também fala das aspirações sociais, raciais e políticas que envolviam a América na década de 60.

Com esse pano de fundo que eu coloquei aqui, eu gostaria que você iniciasse comentando sobre os aspectos sociais, raciais, culturais e políticos que permearam o Free Jazz.

LOC CONVIDADO: Opinião sobre o Free Jazz com visão Social

LOC "OCULTA" HENRIQUE (INTERCALANDO COM O LOC DO CONVIDADO):

LOC HENRIQUE: A emancipação do Free Jazz em relação a estrutura formal harmônica Europeia foi parte de uma emancipação social, racial, política e cultural muito maior nos anos 60 e 70. Essa separação do Continente Europeu abriu as portas para um diálogo cultural, religioso e musical com outros países não europeus, especialmente a Índia e os países Árabes. A gente pode perceber esse diálogo em muitos nomes de álbuns dos músicos Free Jazz, como por exemplo: *Complete Communion* e *Organity Music Society* de Don Cherry; *Communication de* Carla Bley; *Peace* de Ornette Coleman; *A Love Supreme* de John Coltrane entre outros.

LOC CONVIDADO: Comentando sobre os álbuns.

LOC HENRIQUE: Baseado nisso, eu escolhi pra fecharmos esse bloco à música de Albert Ayler *Ghosts: First Variation* do álbum *Spiritual Unity*, que quer dizer União Espiritual. Essa música é uma versão chocante da provável música mais famosa do saxofonista americano Albert Ayler chamada *Ghosts*. Eu não planejei isso quando eu escolhi o repertório, mas coincidentemente, toda a percussão desse álbum do Albert Ayler foi tocada pelo baterista Sunny Murray que é o autor da frase que eu citei no começo desse bloco.

LOC CONVIDADO: Então, vamos ouvir *Ghosts: First Variation* de Albert Ayler.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA "GHOSTS: FIRST VARIATION"

LOC HENRIQUE: Essa foi *Ghosts: First Variation* do saxofonista Albert Ayler.

TEC: SOBE MÚSICA "JOHN MCLAUGHILIN" (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 3: 1 MIN A 8 MIN

LOC HENRIQUE: Nesse terceiro bloco eu e o Gyancarło vamos conversar sobre o Fusion, que veio como uma onda imensa logo depois do Free Jazz nos anos 60.

LOC CONVIDADO: Comentando sobre o surgimento do Fusion

LOC HENRIQUE: "Não há mais um único estilo Free pra se tocar, agora são todos os estilos juntos". Essa aí é uma frase do clarinetista Perry Robinson. E eu acho que ele conseguiu resumir muito bem o que é o Fusion. O Fusion nada mais é que uma mistura do Jazz com outros ritmos, timbres, estilos musicais e, principalmente, com a energia do rock. // // Gyancarło, // pegando essa introdução que eu falei, eu gostaria que você começasse nossa conversa comentando como o Free Jazz pavimentou o chão pra chegada do Fusion, e como foi o desenvolvimento do Fusion no decorrer da década de 70.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: O primeiro álbum que marca a ruptura para o Jazz Fusion ou Jazz Rock, como também era chamado, é o álbum de Miles Davis, *Bitches Brew* que foi lançado em 1970. Mais uma vez Miles Davis participando

ativamente de uma ruptura. // Com esse álbum aí, Miles conseguiu alcançar uma fusão musical satisfatória entre o Jazz e o Rock, pelo menos nos Estados Unidos. // Isso, porque o desenvolvimento do Fusion já era muito forte nos anos 60 na Grã-Bretanha. // Mas o Miles Davis foi o catalisador, foi quem marcou mesmo a ruptura pro Fusion. // Não só por causa dos seus álbuns, mas porque muitos dos músicos de jazz importantes para a década de 70 e pro Fusion vieram da banda dele. E pensando nisso, eu escolhi a faixa que vocês estão ouvindo aí no BG. / Essa música é do álbum *Bitches Brew* e se chama *John McLaughlin* que é uma referência óbvia ao guitarrista Inglês John McLaughlin que gravou em todas as faixas desse álbum. Além do John, vou citar outros nomes só pra vocês terem uma ideia de quem tocou com Miles nesse álbum: Chick Corea, Wayne Shorter, Joe Zawinul entre outros. Ou seja, muitos dos nomes importantes pro Fusion estavam nesse álbum aí.

LOC CONVIDADO: Opinião a respeito da Incubadora do Miles Davis

LOC "OCULTA" HENRIQUE (INTERCALANDO COM A LOC DO CONVIDADO):

LOC HENRIQUE: Pra finalizar esse terceiro bloco em que a gente falou um pouco sobre o Jazz Fusion, eu escolhi aqui a música *Havona* da banda Weather Report. // Antes de tocar a música deixa o Gyancarlo falar um pouco pra vocês sobre a Banda.

TEC: ENTRA MÚSICA EM BG

LOC CONVIDADO: // O pianista americano Joe Zawinul e o saxofonista Wayne Shorter, se reuniram em 1970 para formar o Weather Report, que acabou carregando a bandeira do jazz Fusion até meados dos anos 80. // Tanto Zawinul como Shorter tocaram no álbum *Bitches Brew* de Miles Davis

que eu citei no começo desse bloco. O Weather Report sempre manteve um interesse constante em um som com texturas eletrônicas e muita liberdade na improvisação. //

LOC HENRIQUE: Particularmente, Weather Report é a minha banda predileta do período Fusion. A música *Havona*, que eu escolhi, é do álbum *Heavy Weather* que foi o álbum de mais sucesso da banda. // Esse álbum também inclui o grande hit do Weather Report que se chama *Birdland*. Mas eu escolhi a música *Havona* porque eu gosto mais dela e também porque essa música tem linhas de baixo fantásticas do Jaco Pastorius. Ouvinte, não se preocupe se você não ouviu o hit *Birdland* ainda. Se você já acompanha o *podcast* Influência do Jazz você já sabe o porquê, mas se esse é o seu primeiro programa fica ligado até o final que você vai entender. // Sem mais delongas, vamos ouvir *Havona* do Weather Report.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA "HAVONA" - WEATHER REPORT

LOC HENRIQUE: Essa foi *Havona* da banda Weather Report.

TEC: SOBE MÚSICA "SHINING PAINS" - SOEL (15 SEGUNDOS). DEPOIS DESCE PRA BG

BLOCO 4: 1MIN A 10 MIN

LOC HENRIQUE: E esse é o último bloco do Influência do Jazz. Nesse bloco o Gyancarlo e eu, Henrique, vamos conversar sobre o Jazz Pós-Moderno. E antes de eu falar que música é essa que tá tocando no BG deixa eu

explicar pra vocês a dificuldade e o desafio desse bloco. Dos anos 80 pra frente, muita coisa aconteceu no universo do Jazz. Uma visão Pós-Free Jazz da tradição do Jazz surgiu e assim, muitos músicos começaram a combinar elementos do Free Jazz com os estilos mais tradicionais do Jazz. Esse movimento afirmava que o princípio da livre tonalidade não tinha sido inventado no Free Jazz, mas no Country Blues e no arcaico estilo New Orleans. E que a liberdade da métrica remetia necessariamente as primeiras músicas Afro-Americanas, como por exemplo, os *field-hollers* que eram enormemente flexíveis com a métrica. Os músicos do Neobop reagiram conscientemente a essa nova postura em relação a tradição do Jazz que o Free Jazz tinha trazido e que o Fusion também estava explorando. Eles eram extremamente fiéis a tradição do BeBop e liderados pelo trompetista virtuoso Wynton Marsalis, os "Young Lions", eram assim que eles eram chamados, se concentraram em tocar um estilo de Jazz mais conservador, tendo o Bebop como base e combatendo as heresias, entre aspas, dos demais estilos de Jazz. // Rolou também o surgimento do Free Funk, que é a mistura do Free Jazz com o Funk. Teve um álbum que foi muito bom que é o *Dancing in Your Head* do Ornette Coleman, mas fora isso, esse estilo não teve muitos álbuns notáveis. Gyancarlo, comenta aí sobre essas tendências do Jazz, e em especial, o Free Funk.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: E finalmente, depois desse rapidíssimo panorama geral do que tava rolando nos anos 80 e 90, nós chegamos no assunto que vamos tratar nesse último bloco: O Jazz Eletrônico, a incorporação do Sampler e do Remix no Jazz, o Jazz que mistura Hip-Hop, Drum`n Bass e tudo mais. E essa música que tá aí tocando no BG faz meia hora, é um exemplo desse Jazz Pós-Moderno que mistura Jazz com música eletrônica. Essa música se chama *Shining pains (US)* e é do álbum *Memento* do trompetista francês Pascal Ohsé, mais conhecido com SOEL. Ele é parceiro do Ludovico Navarre, vulgo St

Germain, que inclusive é o produtor desse álbum. // E é aqui que eu passo a bola pra você Gyancarlo, você saca bem mais do que eu sobre o "Jazz Eletrônico". Pode continuar explicando aí quem é o St Germain e depois fala aí sobre o avanço do Jazz no Sampler e no Remix.

LOC CONVIDADO: Opinião a respeito do Nu Jazz, Acid Jazz, Jazz Eletrônico, etc.

LOC "OCULTA" HENRIQUE (INTERCALANDO COM A LOC DO CONVIDADO):

LOC HENRIQUE: Essa é a penúltima música que vamos ouvir por isso ela tinha que ser muito, muito boa. Eu, particularmente, pirei nessa música e estou viciado nesse artista. // Aliás, foi o Gyancarlo que me apresentou esse cara. // Essa música que vamos ouvir chama-se *The Mojo Radio Gang (Radioversion)*, do álbum *Coco Part 2* que é de autoria de Marcus Füreder, conhecido por seu nome artístico Parov Stelar.// Parov é um músico, produtor e DJ Austríaco. O seu estilo é uma combinação de Jazz, House e Eletro e ele é conhecido como um dos pioneiros do Eletro-Swing. Tô certo Gyancarlo? // Esse cara é simplesmente sensacional. Essa música que vamos ouvir tem outra versão com o mesmo nome, só que é *Clubversion* ao invés de *Radioversion*, e sinceramente, eu fiquei até na dúvida de qual colocar pra vocês porque as duas são muito boas. Vale a pena conferir a outra versão. // Vamos ouvir, então, *The Mojo Radio Gang (Radioversion)* de Parov Stelar.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA "THE MOJO RADO GANG (RADIOVERSION)" - PAROV STELAR

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do Influência do Jazz de hoje. // Gyancarlo, muito obrigado pela sua participação aqui no Influência do Jazz hoje cara. O programa foi demais. // Fala aí como as pessoas podem achar o seu programa sobre "Nu Jazz."

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Gyancarlo. // Quem acompanha esse *podcast* já sabe, mas se esse é o seu primeiro programa, aí vai a novidade: Todas as músicas que foram citadas nesse programa, muitos álbuns dos estilos que eu e o Gyancarlo conversamos hoje aqui e muitas músicas de Jazz ligados ao programa de hoje, e de todos os programas passados estão disponíveis na nossa playlist no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Massa né? Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.//

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST.** //

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM.** //

LOC HENRIQUE: Gyancarlo, eu queria pra fechar o programa, que você anunciasse essa última música pra gente. Pode ser? Anuncia aí, até porque eu nunca sei pronunciar essa música.

LOC CONVIDADO: A última música do programa é *Moar Jive* do álbum *Beatz and Pieces, Volume 1*, do músico Denis Jasarevic, mais conhecido por seu nome artístico: Gramatik. Então vamos de *Moar Jive* do Gramatik.

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou "Convidado"

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA "MOAR JIVE" - GRAMATIK.

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 6
JAZZ E BOSSA**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: Marcella Bax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Felipe Pessoa e Marcelo Ramos

LOC HENRIQUE: Jazz, Bossa Nova e como esses estilos conversam entre si aqui e agora no Influência do Jazz

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

LOC HENRIQUE: Bom dia, boa tarde, boa noite // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam muito bem vindos a mais um episódio de Influência do Jazz, um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast é produzido por Marcella Bax e também por mim, Henrique Gláuber.

E o meu convidado especial de hoje, na verdade eu tenho dois convidados especiais hoje: Felipe Pessoa e Marcelo Ramos. // Felipe Pessoa é Mestre em Música pela Universidade de Brasília, Violonista de sete cordas e professor da Escola de Música de Brasília. Além disso dá aula de Violão Popular, Violão de sete cordas, Harmonia e História da música na Escola de Música de Brasília. // E Marcelo Ramos é formado em Música pela Universidade de Brasília, professor da Escola de Música de Brasília e fundou, juntamente com Genil Castro e com Ricardo Batista, o curso de Guitarra na Escola de Música de Brasília. // Bem-vindo, Felipe Pessoa e Bem vindo Marcelo Ramos.

LOC CONVIDADO: Apresentação/Cumprimento.

LOC HENRIQUE: Certo. // Nesse episódio nós vamos falar sobre Jazz e Bossa Nova. Como esses dois estilos se relacionam. Hoje o programa é dividido em três blocos. No primeiro eu, o Felipe e o Marcelo vamos bater um

papo sobre o que é a Bossa Nova, no segundo e no terceiro bloco a conversa é sobre como o Jazz se apropriou da Bossa Nova destacando músicos de Jazz que foram destaques nesse processo. No fim de cada bloco a gente vai ouvir uma música que exemplifica aquilo que estamos conversando. Essa música que você escuta no fundo é *One Note Samba*, ou Samba de uma Nota Só um clássico da Bossa Nova composto pelo incrível Tom Jobim e com letra de Newton Mendonça. Em inglês a letra também é de Tom Jobim. A versão que você está ouvindo é interpretada pela cantora Ella Fitzgerald e o guitarrista Joe Pass.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PARA BG

BLOCO 1 - DE 1 MIN A 5 MIN

LOC HENRIQUE: Felipe e Marcelo pra gente discutir sobre como o Jazz incorporou a Bossa Nova no seu repertório e como a Bossa foi influenciada pelo Jazz, é necessário comentar sobre a Bossa Nova em si. A Bossa Nova é um estilo musical próprio da música popular Brasileira que teve início no final dos anos 50 e teve como seus principais embaixadores músicos e poetas como: Tom Jobim, Vinicius de Moraes, João Gilberto, Carlos Lyra, entre outros. Por isso, Marcelo, eu queria que você começasse falando sobre como surgiu esse movimento da Bossa Nova? Vamos conversar sobre isso.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: A Bossa Nova reafirmava a tradição musical brasileira ao ter o samba como uma grande referência e por outro lado, dialogava com o jazz norte-americano. Felipe, eu queria que você explicasse

musicalmente pra gente, como se dá essa fusão entre o ritmo do Samba e o do Jazz?

LOC CONVIDADO:

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Pra finalizar esse primeiro bloco eu escolhi a música *How Insensitive*, ou, em português *Insensatez* dos compositores Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A música é interpretada pelo maravilhoso pianista canadense Oscar Peterson que se apropriou da Bossa Nova de Tom Jobim e a reinterpretou jazzisticamente. Oscar Peterson é considerado por muitos críticos o maior pianista de Jazz de todos os tempos. Essa interpretação que ele impõe na música *Insensatez* tem uma sensibilidade musical fora do comum. Então, ouça agora *How Insensitive*

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *How Insensitive*, composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, interpretada pelo pianista canadense Oscar Peterson.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG.

BLOCO 2: 1 MIN A 6 MIN

LOC HENRIQUE: No segundo bloco do Influência do Jazz, eu o Felipe e o Marcelo vamos conversar sobre como o Jazz se apropriou da Bossa Nova e a difundiu mundo a fora. O guitarrista americano Charlie Byrd foi importante nessa tarefa.

SOBE BG

A música que você ouve no fundo é Jazz N Samba que na verdade é uma versão jazzística interpretada por Charlie Byrd da música original Só Danço Samba, dos compositores Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A música é uma mistura fina e claramente perceptível do Jazz com a Bossa. Charles Byrd conheceu a Bossa Nova através do seu amigo Felix Grant, que era apresentador de rádio. Em 1960 Byrd viajou para o Brasil, se apaixonou pela música brasileira. De volta para os Estados Unidos levou muitos álbuns Bossa Nova de João Gilberto e Tom Jobim. Felipe, eu queria que você comentasse um pouco sobre a importância de Charlie Byrd na difusão da Bossa Nova no Jazz Americano.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Depois que Charlie Byrd chegou de viagem do Brasil em 1960, ele convidou Stan Getz pra ouvir os álbuns de João Gilberto e Tom Jobim na sua casa. Stan Getz amou o que ouviu e os dois decidiram gravar um álbum Bossa Nova/ Jazz juntos. E foi aí que surgiu o álbum de Charlie Byrd

e Stan Getz Jazz Samba. Marcelo, fala um pouco sobre o impacto que esse álbum alcançou nos Estados Unidos.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Como o Marcelo estava comentando aqui: o álbum foi um sucesso tremendo, vendeu mais de um milhão de cópias e ganhou o disco de ouro. Esse álbum começou a difundir a Bossa Nova no Jazz Americano. Por isso, eu escolhi, pra fechar esse bloco, a música "Desafinado" do compositor brasileiro Tom Jobim com a letra de Newton Mendonça. A música é interpretada por Charlie Byrd e Stan Getz no álbum Samba Jazz e foi o hit de maior sucesso do álbum e também é a minha música predileta desse trabalho. Ouça agora Desafinado com a interpretação de Charlie Byrd e Stan Getz.

TEC: DESCE E CORTA BG. LOC HENRIQUE: Essa foi "Desafinado" do compositor brasileiro Tom Jobim interpretada por Charlie Byrd e Stan Getz.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG. MSUICA DA ELLA

BLOCO 3: 1 MIN A 8 MIN

LOC HENRIQUE: E agora, eu o Marcelo Ramos e o Felipe Pessoa vamos continuar conversando sobre como o Jazz se incorporou a Bossa Nova e difundiu o ritmo brasileiro pelo mundo. A gente falou aqui no último Bloco sobre Stan Getz. Getz é um saxofonista que nasceu na Filadélfia nos Estados

Unidos e tocou muitos estilos de Jazz como o BeBop e o Cool Jazz, mas ficou muito mais conhecido por popularizar a Bossa Nova. A música que você ouve no fundo é O Morro Não Tem Vez do compositor brasileiro Tom Jobim e Vinícius de Moraes, mas lindamente interpretada por Stan Getz e por um dos criadores da Bossa Nova: o violonista, cantor e compositor brasileiro Luiz Bonfá. Felipe, comente sobre a carreira de Stan Getz e a importância dele para o Jazz/Bossa Nova.

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Stan Getz gravou em 1963 a sua obra prima do Jazz com a Bossa Nova. O álbum Getz/Gilberto que foi gravado com João Gilberto, Tom Jobim e Astrud Gilberto, esposa de João Gilberto, se tornou um marco do Jazz/Bossa Nova e ganhou o Grammy de melhor álbum e single com a música The Girl From Ipanema/Garota de Ipanema: composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Marcelo, qual a importância desse álbum para o Jazz e para a Bossa Nova?

LOC CONVIDADO:

LOC HENRIQUE: Garota de Ipanema é o maior clássico da Bossa Nova composto por Tom Jobim e Vinícius de Moraes. E é essa música que vamos ouvir agora interpretada por Stan Getz, Tom Jobim e Astrud Gilberto. Uma obra prima.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ A MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi The Girl From Ipanema composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, interpretada por Stan Getz, Tom Jobim e Astrud Gilberto.

TEC: SOBE MÚSICA DEPOIS DESCE PRA BG

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, estamos quase no fim do Influência do Jazz de hoje. // Felipe Pessoa e Marcelo Ramos, muito obrigado pela sua participação aqui no Influência do Jazz hoje. Nosso bate papo foi maravilhoso. // (Pra cada um) Fala aí um pouco sobre seu projeto mais recente e deixa o seu contato pra quem tá ouvindo te conhecer melhor.

LOC CONVIDADO: Despedida e agradecimentos.

LOC HENRIQUE: Obrigado mais uma vez, Felipe Pessoa e Marcelo Ramos// Quem acompanha esse *podcast* já sabe, mas se esse é o seu primeiro programa, aí vai a novidade: Todas as músicas que foram citadas nesse programa, muitos álbuns dos programas passados estão disponíveis na nossa playlist no Spotify.// Lá você vai ouvir todas as músicas que não couberam aqui no programa.

Como que você faz pra acessar essa playlist? Vai lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.//

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST.** //

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM. //**

LOC HENRIQUE: E a última música do programa é (ao vivo)...

LOC HENRIQUE: É isso aí. // Eu sou Henrique Gláuber.

LOC CONVIDADO: E eu sou "Convidado"

LOC HENRIQUE: E esse foi o *Influência do Jazz*. Até a semana que vem. See ya!

TEC: REPRODUZ A MÚSICA

TEC: VINHETA SOBE E CORTA.

**ROTEIRO COMPLETO - INFLUÊNCIA DO JAZZ - EPISÓDIO 7
TOP 5**

Duração de cada episódio: 60 minutos

Produtor: MarcellaBax e Henrique Gláuber

Apresentador: Henrique Gláuber

Convidado: Nenhum

LOC HENRIQUE: As minhas músicas de Jazz favoritas e os grandes artistas que fizeram dessas músicas uma obra prima. Aqui e agora, no seu Influência do Jazz.

TEC: VINHETA SOBEE CORTA.

LOC HENRIQUE: Bom dia, boa tarde e boa noite! // Eu sou Henrique Gláuber, e sejam bem vindos a mais um episódio de Influência do Jazz, na verdade o último, sim, o último episódio do Influência do Jazz: um podcast semanal sobre a história do Jazz e suas maiores influências. // Esse podcast, como você já bem sabe, é produzido por mim, Henrique Gláuber e também por Marcella Bax.

É pessoal, hoje estou sozinho no estúdio pra gravar esse último episódio. Como já disse em outros programas: sou um estudante formando de Audiovisual na Universidade de Brasília, que é de onde eu produzo e gravo esses programas pra você. A minha paixão pela música vem desde criança. Meu pai estudou música por muitos anos e minha mãe sempre amou cantar, então eu cresci num ambiente muito musical. Quando eu era adolescente, meu pai me comprou um violão, porque o dele já estava muito velho, tinha até um buraco no fundo. Aí, com o meu violão novinho eu comecei a aprender a tocar e a minha paixão pela música foi aumentando. Eu nunca deixei de tocar violão, embora eu não seja um virtuoso, porque eu aprendi sozinho o instrumento, mas o violão sempre me acompanhou. Com uns 19 anos, eu decidi estudar música mais a sério. Então, eu fiz a prova pra estudar Canto Popular na Escola de Música de Brasília, e passei. E Hoje eu sou recém formado no curso básico de Canto Popular pela Escola de Música de Brasília, que aliás é uma das melhores escolas do Brasil, se não for a melhor, em educação musical profissionalizante. Um dia

eu vou fazer um podcast só sobre o ensino musical que acontece naquela escola. Enfim, acho que é isso. Então vamos para o programa de hoje.

TEC: SOBE MÚSICA "OSCAR PETERSON" (15 SEG.). DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: Como esse é o último programa eu resolvi compartilhar as minhas possíveis TOP 5 músicas do Jazz. Na verdade, no final desse programa vocês vão ter acesso a uma playlist que criei no Spotify com as minhas TOP 30 músicas do Jazz, mas aqui no programa eu vou tocar apenas as minhas TOP 5. Eu confesso que fazer essa lista foi bem difícil. Reduzir uma infinidade de músicas incríveis a somente trinta é uma tarefa não muito prazerosa porque você acaba deixando de fora muita, muita gente espetacular. Mas o sacrifício é necessário e eu gostei bastante da playlist final.

A música que vocês estão ouvindo aí no fundo é *I Got it Bad And That ain't Good* dos compositores Duke Ellington e Paul Francis Webster, mas interpretado pelo lendário pianista Oscar Peterson. A música é a TOP 6 da minha lista e vai ficar no BG em todo o programa. Duke Ellington chamava Oscar Peterson, de o "Maharaja do piano". "Maharaja" é uma expressão originária da língua sânscrita, uma língua com uso litúrgico no Hinduísmo, no Budismo e no Jainismo, e essa expressão significa "Grande Rei". Não é a toa que Oscar Peterson foi apelidado por Ellington assim. Com certeza, ele é meu pianista de Jazz preferido.

TEC: SOBE MÚSICA "OSCAR PETERSON" (15 SEG.). DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: E pra primeira música que vai tocar na íntegra, ou seja o TOP 5, eu escolhi a música *Wave*, do magnífico compositor brasileiro Tom Jobim interpretada *jazzisticamente* pelo também magnífico guitarrista Joe Pass. Em entrevista concedida a John Schneider, Joe comentou sobre a maneira como se apropriava das músicas e reinterpretava na sua guitarra. Ele aprendia a melodia da música que queria tocar e a progressão harmônica básica. Mas, entre as pausas da melodia, ele ia colocando suas improvisações até que ele criava a sua própria melodia e a sua própria progressão harmônica baseada na música original. É isso que a gente vai perceber em *Wave*. Interpretação de Joe Pass foi gravada num show ao vivo, em Hamburg na Alemanha, no ano de 1975. Inclusive, Ella Fitzgerald faz muitos duetos com Joe Pass nesse show.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Wave* do guitarrista Joe Pass

TEC: SOBE MÚSICA DO BG (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: Eu gosto muito da mistura do Jazz com música eletrônica, especialmente músicas que envolvem *Sampler* e *Remix*. Por isso, a música Top 4 que escolhi pra hoje é *Hit That Jive* do álbum *Street Bangerz Vol. 2* lançado em 2009 pelo compositor e produtor Eslovênio Denis Jasarevic, mais conhecido por seu nome artístico Gramatik. A música é essencialmente um Remix da música *Hit that Jive, Jack* que foi interpretada originalmente pelo famoso pianista e cantor Nat King Cole e sua banda na década de 40. Gramatik

pega um trecho dessa música, usa como base e por cima dessa dela adiciona seus próprios elementos musicais e eletrônicos. Uma mistura fina e estupenda é o resultado final da música de Gramatik. Obra de arte da contemporaneidade, com vocês *Hit That Jive* de Gramatik.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA "GHOSTS: FIRST VARIATION"

LOC HENRIQUE: Essa foi *Hit That Jive* de Gramatik.

TEC: SOBE MÚSICA DO BG (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: A música TOP 3 é: *Spain*, do compositor e pianista Chick Corea. Interpretada somente pelo Chick Corea, já é simplesmente inacreditável. Agora imagine essa música interpretada por Bobby McFerrin e Chick Corea. Bobby McFerrin é um exímio cantor de Jazz com uma enorme extensão vocal, uma habilidade singular de imitar instrumentos e criar sons fenomenais somente com a voz. E como se não bastasse, McFerrin possui uma incrível improvisação vocal e utiliza seu corpo como percussão. Pra mim, quando se fala em improvisação vocal, o Bobby McFerrin é o meu predileto! Obviamente que não foi sempre assim na vida do cantor. Tudo mudou na vida musical dele, quando ele foi assistir um concerto de Miles Davis e sua banda em 1971. Naquele concerto, a banda que estava tocando junto com Miles, estava cheia de importantes como o baixista Michael Henderson, o Saxofonista Gary Bartz e até mesmo o grande percussionista Brasileiro Airto Moreira. Bobby McFerrin entrou no show e sentou em uma cadeira bem próxima ao maravilhoso

pianista Keith Jarrett e pode observar toda a desenvoltura com que a banda de Miles Davis improvisava de 20 a 30 minutos sem nenhuma interrupção. Daí pra frente, Bobby se tornou um dos grandes compositores, produtores e cantores do Jazz. Ouça agora *Spain* do álbum *Play* de Bobby McFerrin gravado ao vivo juntamente com Chick Corea.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Spain* de Bobby McFerrin juntamente com Chick Corea.

TEC: SOBE MÚSICA DO BG (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: A música Top 2 é *Lingus* da banda Snarky Puppy. Snarky Puppy é uma banda instrumental de *Fusion* de 2004 liderada pelo baixista, compositor e produtor Michael League. Em uma entrevista, o próprio Michael comenta que a banda teve origem na University of North Texas, onde estudava Jazz. Com nove amigos da faculdade, a banda começou a ensaiar no porão de uma pizzaria. Obviamente, muita coisa mudou. Hoje o Snarky Puppy é um coletivo que tem aproximadamente trinta integrantes, incluindo o Cory Henry, um dos pianistas mais incríveis da atualidade, e que tem uma participação de deixar qualquer um arrepiado na música que vamos ouvir a seguir. O Snarky Puppy ganhou um Grammy Award de melhor Rhythm and Blues em 2014 com a música *Something*, que contou com a participação da incrível cantora Lala Hathaway. Essa música é surpreendente, e vai tá lá na

nossa Playlist do Spotify. Mas agora vamos de *Lingus* do álbum *We Like It Here* da banda Snarky Puppy.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Essa foi *Lingus* da banda Snarky Puppy.

TEC: SOBE MÚSICADO BG (10 SEGUNDOS) DEPOIS DESCE PRA BG.

LOC HENRIQUE: É isso pessoal, o Influência do Jazz está chegando ao seu fim. // Muito obrigado, a você que acompanhou todos os episódios, visitou nosso Blog, ouviu nossas playlists no Spotify e entrou em contato conosco através das redes sociais ou do nosso e-mail. Esse *podcast* foi demais.

Pra você que ainda não acessou as nossas playlists no Spotify, entra lá no nosso Blog: **INFLUENCIADOJAZZPODCAST.COM.BR** e lá você vai encontrar, em cada programa do nosso *podcast*, um link pra uma playlist diferente no Spotify. Aproveita também pra obter mais informações sobre o nosso *podcast*.

Sigam o programa também nas redes sociais. A página do Facebook é **FACEBOOK.COM/INFLUENCIADOJAZZPODCAST** e o Instagram é **@INFLUENCIADOJAZZPODCAST**.

Para entrar em contato, vocês podem mandar mensagem nas redes sociais ou enviar um e-mail para **INFLUENCIADOJAZZPODCAST@GMAIL.COM**.

LOC HENRIQUE: E pra finalizar a série de *podcast* Influência do Jazz, a música que ocupa o TOP 1 na minha playlist é// *My Favorite Things* do magnífico saxofonista Americano John Coltrane. Trane, como era chamado, fez sua versão original e intensa dessa valsa tanto simplória do compositor Richard Rodgers a música faz parte do álbum *My Favorite Things* que foi um sucesso de público em larga escala. John Coltrane utilizou, pela primeira vez, em *My Favorite Things*, um saxofone soprano. Com isso produziu um som muito nasal, similar ao shinai, um instrumento de sopro indiano. Apenas com a repetição constante do tema e com algumas ligeiras alterações nas notas, Trane construiu uma acelerante monotonia que, até aquela época, era desconhecida no jazz, mas possuía muita semelhança com os aspectos da música Indiana e Árabe. *My Favorite Things* foi a primeira música de Jazz que escutei na minha vida, ainda quando era criança, e desde então sempre esteve entre as minhas favoritas é uma memória emocional. Ouça então essa obra de arte: *My Favorite Things* do saxofonista John Coltrane.

TEC: DESCE E CORTA BG. REPRODUZ MÚSICA

LOC HENRIQUE: Esse foi o meu e o seu Influência do Jazz. Valeu!

TEC: VINHETA SOBEE CORTA.

